

Quiomaz  
Muniz Pezeira

Elizete Passos



Coleção Educadoras Baianas

Guiomar  
Muniz Pezeira



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-reitor

Francisco José Gomes Mesquita

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Maria de Fátima Dias Costa

Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Faculdade de Educação da UFBA

Direção

Nelson De Luca Pretto [direcao@faced.ufba.br]

Vice-direção

Mary Arapiraca [ciro@svn.com.br]

Coordenação da Pós-graduação

Roberto Sidnei Macedo [rsmacedo@terra.com.br]

Vice-coordenação

Dinéia Sobral Muniz [sobraldm@ufba.br]

Coleção Educadoras Baianas

*Guiomar Muniz Pereira*  
*1895 - 1957*

Elizete Passos

EDUFBA - FAGED  
Salvador - Bahia  
2005

©2005, by EDUFBA - FACED

O conteúdo deste livro é de inteira responsabilidade do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFBA.

Revisão  
*Tânia de Aragão Bezerra*  
*Maçel Castilho de Carvalho*

Projeto gráfico: capa e miolo  
*Angela Dantas Garcia Rosa*

Formatação  
*Bruno Quadros*

---

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

P289 Passos, Elizete,  
Guiomar Muniz Pereira 1895-1957 / Elizete Passos. - Salvador : EDUFBA :  
FACED, 2005.  
84 p. - (Coleção educadoras baianas).

ISBN 85-232-0359-01

1. Pereira, Guiomar Muniz, 1895-1957. 2. Educadoras – Biografia. I. Título.  
II.Série.

CDU – 37(091)(81)  
CDD – 923.7

---

EDUFBA	FACED
Rua Barão de Geremoabo, s/n	Programa de Pós-graduação
Campus de Ondina	Av. Reitor Miguel Calmon, s/n,
40170-290 - Ondina, Salvador - BA	Vale do Canela
Tel/fax: (71) 32636160	40110-100 - Salvador - BA
www.edufba.ufba.br	Tels: (71) 32637262/7263/7264
edufba@ufba.br	faced@ufba.br

# Sumário

---

## **7 Apresentação**

---

### **13 Quem foi Guiomar Muniz Pereira**

16 Traços da sua personalidade

---

### **23 Formação pedagógica e moral**

28 A mulher educadora e os objetivos da educação

---

### **41 Trajetória profissional**

44 A Escola Normal de Nazaré

51 Método de ensino

54 Qualidade pedagógica

55 Simbiose entre escola, educadora e sociedade

58 Fim da Escola Normal

---

### **67 Reconhecimento profissional e social**

73 Homenagens póstumas

---

### **79 Referências**

80 Documentos e obras específicas



## Apresentação

A Coleção **Educadoras Baianas** compõe-se de 08 livros<sup>1</sup> destinados aos cursos de Pedagogia, Magistério Superior e demais cursos de formação de professores, bem como a pessoas que se interessem pela História da Educação e pelos estudos de gênero.

A escolha das educadoras que são estudadas em cada um deles: Amélia Rodrigues (1861- 1926), Maria Luiza de Souza Alves (1862-1945), Guiomar Muniz Pereira (1895-1956), Anfrísia Santiago (1894-1970), Angelina de Assis (1915-1988), Irmã Querubina (1921), Candolina Rosa de Carvalho (1921-1973) e Leda Jesuino (1924) se deu após a realização de uma pesquisa exploratória onde foram entrevistadas pessoas estudiosas da história da Bahia e da educação baiana, assim como levantamento e análise dos nomes de mulheres dados a escolas, bem como pesquisa em jornais da época.

A intenção era trabalhar com educadoras que se destacaram no cenário educacional, a ponto de serem lembradas e reverenciadas ainda hoje, pois nos interessava saber o que as tinha feito chegar a esse lugar de destaque numa sociedade em que o espaço público vem sendo destinado ao sexo masculino. Também procurávamos saber se elas eram provenientes de famílias de destaque social; se foram coerentes com os princípios, papéis e espaços concedidos ao sexo feminino ou se tiveram a “ousadia” e coragem de romper

com o estabelecido e escreverem sua história, mesmo que fosse em uma área tradicionalmente feminina, como a educacional. Outras categorias referentes à sua formação foram agregadas: que autores as influenciaram? O que produziram com o conhecimento adquirido? Que trajetória fizeram?

Os livros retratam a saga de cada uma delas, com suas circunstâncias, facilidades e entraves, por isso, possuem tamanhos que variam, apesar da nossa decisão ter sido por escrever textos sucintos, desde que não prejudicassem sua qualidade.

O trabalho é fruto de investigação cuidadosa e demorada em documentos, jornais, livros, resenhas e revistas; mas, principalmente da história oral. A ausência de qualquer tipo de trabalho sistematizado sobre muitas delas nos fez entrevistar dezenas de pessoas, entre ex-alunas, companheiras de trabalho, mães, pais, dentre outros depoentes.

O que não teria sido possível se não tivéssemos contado com uma equipe de auxiliares de pesquisa, estudantes dos cursos de Filosofia, História, Sociologia e Pedagogia<sup>2</sup>; com o apoio do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM); da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, através do PIBIC; assim como do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com a concessão de Bolsas de Iniciação Científica e de Produtividade em Pesquisa.

Em todos eles, trabalhamos com a memória histórica e social, a partir da memória individual e coletiva. O que à primeira vista pode parecer de menor importância, entretanto, um exame acurado vai revelar seu significado e alcance. Não é à toa que Le Goffe (1996, p. 426) afirma que:

[...] tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Compactuando com esta tese, inferimos que conhecer o ideal de mulheres/educadoras, a partir do seu corpo de saberes e dos seus valores morais, daquilo que foi revelado ou escondido na sua prática educativa, do que foi valorizado ou não pela sociedade, saber o porque elas foram destacadas e se estavam conscientes da relação entre os meios e os fins da sua ação educativa, é uma forma de desvelar sentidos, abordar valores e entender o contexto sócio-histórico.

A **Coleção Educadoras Baianas** fecha um ciclo de estudos que vimos realizando desde meados da década de 80 sobre a educação da mulher baiana, tendo como um dos objetivos recuperar a memória da educação feminina, por acreditar que a prática educacional é uma das principais fontes de manutenção das desigualdades de gênero ou de sua superação.

Nesse empenho, realizamos vários estudos de caso tomando como objeto os colégios considerados matrizes formadoras da mulher na Bahia, tais como: o Instituto Feminino da Bahia, O Colégio Nossa Senhora das Mercês, A Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e a Faculdade de Filosofia, da mesma Universidade.

Com isso, acreditamos ter cercado a questão por todos os lados e, assim, ser possível, a partir da recuperação dessa memória, entender os silêncios e as falas, a que e a quem eles vêm

servindo. Intentamos com isto auxiliar na implementação de ações educativas em novas bases, onde a diferença não seja tomada como desigualdade, nem a educação seja transformada em instrumento de manutenção da mesma.

O presente livro - e os demais que fazem parte da Coleção compõem essa trajetória e objetivos, porém, vão além, pois procuram abarcar a educação feminina na Bahia no presente século, após já termos estudado instituições educacionais voltadas para a educação feminina, termos mapeado o seu cotidiano, suas formas de disciplinamento e de poder e o tipo de mulher que elas produziram - volta-se agora para a figura da educadora, visando conhecer seu ideal educativo, sua consciência pedagógica, suas representações sociais.

Quase todas representam um modelo de educação tradicional, centrado na figura do educador e solidamente fundamentado em valores morais inspirados na religião católica, onde a educadora tinha como papel servir a Deus e transmitir valores e ensinamentos religiosos. Algumas registraram suas idéias e convicções sobre a educação em artigos e livros, como Amélia Rodrigues, Maria Luiza de Souza Alves e Leda Jesuíno, mas todas elas as praticaram com determinação e suas marcas são indelévels nas pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com elas na condição de alunas, colegas de trabalho ou colaboradoras.

Quanto ao sexo feminino, acreditavam que sua natureza era feita de amor, amor incondicional, amor materno. Não colocavam limites entre a mulher e a mãe, tão intrincada era a relação que elas estabeleciam entre as duas. A imagem da mulher mãe traçada por quase todas se distancia do ser humano e se aproxi-

ma de entidades divinas. As expressões usadas por algumas delas para defini-la são esclarecedoras: “figura radiosa”, “bendita”, “sublime”, “sacrificada”.

O estudo sobre essas e outras educadoras que continuam na mente de muitas pessoas, mas se perdendo na poeira do tempo, há muito se fazia necessário. Através delas desvendamos muito da nossa história, em especial da história da educação baiana e brasileira, sem contar que elas são matrizes da formação de gerações e gerações e segredam muito do que fomos e somos.

## Notas

<sup>1</sup> No momento, estamos apresentando ao público 06 deles, os dois restantes sobre as educadoras Maria Luiza de Souza Alves e Irmã Querubina estão em fase final de redação.

<sup>2</sup> Como foram muitos, uma vez que ingressaram na pesquisa em número significativo, pois fazia parte da política do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) capacitar novos pesquisadores; e participaram do trabalho em momentos distintos, preferimos não nomeá-los a fim de não cometer injustiças.



## Quem foi Guiomar Muniz Pereira

---

*Ela tinha muito ideal. Ela foi uma grande mestra. Tinha a educação em primeiro plano. Muito boa, muito generosa. Uma pessoa fantástica. Muito caridosa. É o que posso lhe dizer.*

Depoimento de uma ex-aluna

Nasceu no dia 28 de junho de 1895, na cidade de Amargosa, no seio de família bem posicionada social e economicamente, tendo como pais o Coronel Guilhermino Muniz Ferreira e Adélia Muniz Ferreira. Tiveram seis filhos, incluindo a educadora, sendo quatro mulheres e dois homens. Com cinco anos de idade, a família mudou-se para a cidade de Nazaré das Farinhas, no Recôncavo Baiano, devido a interesses econômicos do pai.

O incentivo para estudar e seguir a carreira de professora veio do pai, que nutria grande interesse pela leitura, contudo a família como um todo a apoiou e procurou facilitar-lhe o caminho.

No dia 25 de novembro do ano de 1918, casou-se com Rosalvo Américo Pereira, à época um simples despachante que não agradou a família da noiva. Iniciou a vida de casada com simplicidade e sacrifícios, como demonstraram alguns depoimentos, o que não impediu que eles formassem um casal unido, amoroso

e cúmplice. Dizem que a educadora não tomava nenhuma decisão sem antes conversar com o marido:

[...] dádiva dos céus, um casamento que os pais não queriam, mas que deu certo. Casou assim com dificuldades, pobre, professorinha, e ele despachante, mas o casamento deu certo. Foi abençoado por Deus. Uma união feliz. Ambos responsáveis por esse sucesso. Uma união onde o respeito e a dignidade moral eram sobejamente por eles cultivados. (Depoimento de uma prima e ex-aluna da educadora)

Diante de qualquer dificuldade ou tomada de decisão, ela respondia: “amanhã eu resolvo”, a expressão era a chave para se entender que ela precisava de tempo para conversar com o marido, atitude comum ainda hoje entre os casais e que à primeira vista reflete a submissão da mulher ao homem. Entretanto, mesmo eles tendo seguido caminhos profissionais diferentes, ela como professora e depois dirigente educacional, ele como despachante e mais tarde comerciante, a relação que tinham era de parceria e companheirismo. Ele foi seu companheiro de todos os momentos, acompanhando-a em suas viagens à capital do estado da Bahia para participar de reuniões de trabalho, ajudando-a em seu projeto pedagógico e colocando-se como um verdadeiro pai das alunas que viviam no seu internato. Como relatou uma ex-interna: “[...] ele era muito querido pelas internas. Ele foi até paraninfo em uma ocasião”.

A síntese que as depoentes extraem da relação da educadora com o marido afirma que:

[...] o amor entre eles era forte, sincero, amável, fiel, permanente, viril e nunca buscava a si mesmo. É difícil encontrar um amor

assim. A vida foi completa porque se amavam. Ele certamente nunca imaginou que toda a esperança, toda energia que ela encontrava para vencer era também responsabilidade sua. (Depoimento de uma prima e ex-aluna da educadora)

Tiveram três filhos, dois do sexo masculino e uma do feminino<sup>1</sup>. Os primeiros faleceram ainda crianças, entretanto a família continuou crescendo através da adoção de outras crianças, com quem ela se posicionava na condição de mãe adotiva ou de madrinha.

Reproduzindo os papéis de gênero que vêm sendo atribuídos à mulher, colocava a maternidade no topo das responsabilidades femininas e que devia ser realizada sob qualquer condição e sem restrições. Isto a fez sofrer com os “descaminhos” que os filhos biológicos ou da adoção tomassem, sem distanciar-se das qualidades que consideravam inerentes a uma mãe: bondade, ternura, amor, disposição para sofrer e consolar. Como relembra uma pessoa da família, ela sofreu nesse papel, mas o enfrentou: “[...] benevolente, decidida, fortaleza inaudita. Procurou encaminhar e remover as pedras, dissipar todas as dores, amenizar tristezas, espalhando segurança, afeto, alegria, esperança e muito amor”.

Também nisso ela não inovou, pois o conceito que se tinha de mãe e o que se esperava dela é coerente com a posição assumida por Guiomar. Um poema declamado pela depoente acima, no momento em que a entrevistávamos, intitulado: “Mãe”, palavra sublime! Beleza Tamanha! Pode servir para exemplificar a tese ora defendida:

[...] Bondade, ternura, sofrimento, amor, paz, consolação. Aquela que estava às lágrimas; a luz que aureolava os nobres sentimentos de seus filhos; força que remove pedras do caminho. Paciência que faz seus filhos triunfar transpondo situações difíceis; refúgio onde seus filhos encontrarão guarida; consolação que ameniza sofrimentos; esperança que acalenta os sonhos e fortalece a fé.

Como recompensa, acreditam que ela deve ser colocada em situação acima dos simples mortais: “[...] Mãe! Hino que sobe os ares por entre cantos das aves, salmo que enche amplas naves dos templos, da terra, dos céus. Puro incenso dos altares, dos peitos enfermos, santa voz que fala de Deus”, concluiu a depoente com um verso que atribuiu ao poeta Tomas Ribeiro.

Do mesmo modo, transpôs esses valores para o seu papel de educadora. Seu internato, como veremos adiante, era considerado pelas alunas como suas verdadeiras casas. Lá se sentiam amadas, protegidas, respeitadas e cuidadas, porém, isso não excluía o cumprimento de horários, de rotinas, de estímulos e censuras necessárias.

## Traços da sua personalidade

### Solidariedade

A simbiose que a educadora mantinha entre os papéis de mãe e de educadora é percebida em seus atos tanto na família quanto no ambiente de trabalho. Do mesmo modo que acolhia crianças desamparadas e dava-lhes um lar e os cuidados maternos, também as recebia em seu estabelecimento de ensino,

quando não tinham recursos para tal. Algumas pessoas que viveram com ela essa relação deram-nos depoimentos esclarecedores:

[...] eu morava muito distante, numa fazenda, e vinha toda manhã, cansada – era anêmica e franzina, e ela ficava com pena de mim - e quando eu piorei da anemia vim para uma casa, trabalhar e estudar. Dona Guiomar soube, mandou chamar minha mãe e perguntou se ela podia me assumir para que eu ficasse interna no Colégio e ela arcar com as despesas minhas, e não ia custar nada. Ela sabia que eu era muito pobre, que meu pai era muito doente e cego de um olho e que eu tinha muitas dificuldades. Como fez com muitas meninas que ela assumiu como mãe, tomava conta, dava estudo, casa, enfim, mantinha afinal de contas. (Ex-aluna do internato)

Os meios de comunicação da época ressaltaram o comportamento solidário da educadora, que continuou sendo motivo de destaque ao longo do tempo, como fez ver o jornal *Tribuna da Bahia*, no dia 29 de julho de 1995:

[...] Embora só tivesse três filhos, Guiomar Pereira adotou ainda Pedro Muniz Pereira, com quatro dias de nascido, e muitos outros durante sua vida, tornando-se muitas vezes madrinha deles. A esses seus filhos do coração ela garantia educação, alimentação e vestuário.

### Determinação

Os depoentes falam de uma mulher determinada, que sabia o que queria e lutava pela realização dos seus objetivos. Também apontam indicadores que nos levam a inferir que ela enfrentava as convenções sociais e os padrões estabelecidos para

o modelo feminino, por exemplo, ao cortar os cabelos bem curtos, em um momento em que se exigia da mulher que os conservassem grandes, de preferência presos em coques.

Essa foi uma decisão ousada, especialmente pela sua posição de professora, ou seja, pessoa visada e de quem a sociedade esperava que fosse exemplo a ser seguido. Sabe-se que a sociedade impunha às professoras um padrão estético que abrangia toda a sua forma de apresentação. Elas deviam vestir-se com bom gosto, porém, com sobriedade, evitando cores fortes, decotes, transparências ou modelos que deixassem à vista a forma do seu corpo. Quanto a adereços, as educadoras mais destacadas limitavam-se a broches, colares e brincos de pérolas.

Os cabelos, como dissemos, deviam seguir o mesmo rigor e o parâmetro do bom gosto, que contemplava fios no lugar, nada de cabelos mal penteados, e muito menos curtos, pois o primeiro tipo indicava descuido, desorganização, abandono, situações que não combinavam com quem devia ensinar, educar e modelar o caráter. Na segunda situação, a atitude denunciava liberalidade, ruptura com as normas postas, atrevimento, ousadia, transgressão, atitudes desaconselháveis a uma educadora, pelos motivos acima referidos.

Como se explica a atitude da professora Guiomar, conhecida personalidade e exímia educadora de gerações e gerações, principalmente de mulheres? Os mesmos depoimentos nos encaminham para uma resposta plausível, ao afirmar que sua reputação estava consagrada e nada poderia desfazê-la. Também reconhecem que, de maneira geral, sua forma de ser e de se comportar não contradiziam ao modelo de feminilidade

hegemônico, pois se mantinha terna, companheira e feminina. Ao questionarmos como o fato de ser mulher interferiu positiva ou negativamente para ela se tornar uma grande personalidade, as respostas se conduziram para: “[...] isso não deixava de ter mérito. Feminina com aquela ternura que a mulher deve ter. Ela possuía uma personalidade muito forte [...] ela sabia se impor, de maneira discreta e elegante, mas ela era determinada”. (Depoimento de uma ex-aluna interna)

Também aí acha-se presente outro elemento da grande contradição que as mulheres têm vivido, mas que compõe sua identidade de gênero. Ao tempo em que afirmam que ela é por natureza dócil, que não tem poder de decisão, que a obediência e a capacidade de ser útil são os elementos constitutivos do seu ser, algumas demonstram em sua prática o contrário: são fortes, corajosas, determinadas.

Qualidades que serão tomadas como positivas ou negativas, a depender de quem seja e dos arranjos onde essas qualidades se coloquem. Com a educadora Guiomar não havia problema em ser forte e determinada, visto que tais qualidades se harmonizavam com a solidariedade, com a feminilidade, com a ternura, e eram postas a serviço do outro e de uma causa valiosa: a educação.

Nessa rede de faces e interfaces, a educadora era muito mais conservadora do que transgressora e avançada. Propunha-se a educar mulheres para se dedicarem à educação e ao casamento: “[...] Guiomar era conservadora. O objetivo era formar a pessoa cidadã, perfeita para se dedicar à educação. A que não se destinasse à educação, então para o casamento” (Relato de um

ex-professor da cidade de Nazaré). Para ele, a educadora não tinha qualquer pretensão de modificar a ordem estabelecida quanto à situação da mulher e das relações de gênero, e resume sua forma de ser nos seguintes termos:

[...] a personalidade dela [...] era uma professora amável, apesar de ser uma mulher de uma atitude firme, dinâmica e rígida, mas ela era amável. Boa professora. Era rigorosa quando precisava ser. O ensino, naquele tempo, vocês sabem, existia um respeito muito grande do aluno para o professor.

Ela era temida e respeitada por todos. Dizem que se impunha diante de todos, entretanto era uma figura amável e acolhedora, qualidades que a faziam querida e admirada. Também afirmam que não guardava rancores e expunha sua posição sem rodeios, motivos suficientes naquele momento para ser querida por todos. “[...] nós não temos conhecimento de qualquer aluno, pode até existir, que tenha saído daí com ódio dela, ou por ter recebido algum tipo de repreensão”, afirmou um ex-aluno.

Guiomar correspondia ao modelo que se esperava de uma mulher educadora, não só nas atitudes éticas, como também nas preferências estéticas. Suas ex-alunas lembram que ela se apresentava sempre bem vestida, com roupas sóbrias e compostas, sapatos fechados e meias finas. Mesmo as internas que conviviam com ela no dia-a-dia não se recordam de terem visto dona Guiomar uma só vez com cabelos em desalinho ou vestida diferente. Do mesmo modo que não registram um único momento em que ela usasse de palavras tidas como vulgares, mesmo nas ocasiões mais difíceis de sua vida.

No dia 12 de novembro do ano de 1957 a educadora faleceu, na cidade de Nazaré, vítima de um derrame cerebral. A morte súbita da educadora, com apenas 62 anos de idade, causou consternação geral na cidade de Nazaré e cidades vizinhas. O jornal *O Alvitre* registrou a tristeza da cidade em um artigo do dia 30 de novembro do ano de 1957:

[...] causou profunda consternação no seio da família nazarena o falecimento, no dia 12 do corrente, da Prof<sup>a</sup> Guiomar Muniz Pereira, vítima de derrame cerebral, em consequência de hipertensão arterial. Logo se anunciou o triste acontecimento, a cidade adquiriu aspecto lúgubre, realizando-se verdadeira romaria de pessoas de todas as classes sociais que se dirigiam ao Educandário de Nazaré, onde o corpo da extinta se achava em câmara ardente.

## Nota

<sup>1</sup> “Tiveram a deferência de nos comunicar o nascimento da graciosa Dylce, fruto do amorável consórcio, o negociante capitão Rosalvo Pereira e sua exma. e virtuosa consorte professora Guiomar Muniz Pereira”. Jornal *O Conservador*, 20/02/1921.



## Formação pedagógica e moral

---

*Guiomar Muniz  
Pereira foi talhada  
por Deus para a  
nobre missão que  
abraçou com a  
alma. Colocou seu  
ideal de educadora  
de escola acima de  
qualquer interesse.*

Jaime Muniz

Iniciou o Curso Pedagógico no Colégio Sion, na cidade do Rio de Janeiro<sup>1</sup>, e transferindo-se depois para o Educandário do Sagrado Coração de Jesus, em Salvador, durante um dos períodos de férias que passou com a família. Concluiu o curso em dezembro de 1914, com 19 anos de idade.

Nesse período, primeiras décadas do século XX, o país vivia sérios problemas sociais, destacando-se o alto índice de analfabetismo existente, considerado pelos críticos e pela opinião pública como “uma chaga social” que envergonhava o Brasil diante dos países desenvolvidos e impedia o seu progresso. Os responsáveis por essa situação também eram apresentados ao público pelas mesmas fontes: falta de vontade política e de seriedade dos governantes. Conforme alguns argumentos: “[...] hoje faz 98 anos que somos um povo politicamente independente. Se, ao cabo desse quase século de maioridade, nos perguntarem como vamos de saúde, responder-se-á ao médico que mal.

Duas doenças graves nos aniquilam: a politicalha e o analfabetismo”; registrou o jornal *O Imparcial*, no dia 07 de setembro do ano de 1920.

*O Diário de Notícias* do dia 01 de outubro do mesmo ano denuncia que a situação é idêntica em todo o território nacional, por absoluta falta de compromisso social dos governantes. Após caracterizar a situação como uma “endemia”, afirma que nesse aspecto não importa a região, todo o país sofria da mesma moléstia: “[...] não carece ter nascido no sertão, no nordeste ou nos pampas, lugares onde a civilização de que somos uns tinturados, mal chega. Campanhas se façam contra o analfabetismo! Os governos aí estão para desampará-las”.

A mesma denúncia/lamento era feita na cidade de Nazaré das Farinhas, no interior do estado da Bahia, decerto muito menos visitada, pelo que o noticiário nacional batizara com o nome de “civilização”, traduzível por cultura nos seus sentidos lato e estrito, este, como educação formal. A comunidade local trazia de forma explícita uma preocupação com os rumos da democracia, pois a entendia como só sendo possível atrelada à educação, como preconizou o maior jornal de circulação na cidade à época, *O Conservador*, na abertura de um artigo datado do dia 21 de setembro do ano de 1930: “[...] sem instrução popular não pode haver democracia”. No mesmo ano, o referido jornal atesta que a situação educacional do país não havia se modificado ao longo de dez anos: “[...] o Brasil ressen-te-se dessa falta. É uma medida de urgente necessidade, porque a cifra de analfabetos envergonha-nos ante os civilizados e atrasa-nos ante os caminheiros evolutivos que olham à frente, na perspectiva de novos ideais” (*O CONSERVADOR*, 23.11.1930).

O patriotismo e o nacionalismo, tão cultuados nas primeiras décadas do século, apresentavam-se como motivos mais do que convincentes para que os governantes e o povo investissem esforços, recursos econômicos e técnicos na educação. O analfabetismo, considerado uma das fontes da ingenuidade do povo, capaz de conduzi-lo por trilhas perigosas à soberania do país, precisava ser interrompido, pela cultura letrada e pela consciência cidadã.

A pequena cidade do Recôncavo Baiano não desconhecia a seriedade da situação, nem se recolhia à crítica vazia; longe disso, debruçava-se sobre o assunto na tentativa de modificar o quadro. Reuniões do magistério local eram realizadas com o objetivo de discutir os rumos da educação pública, decisões sobre a junção de estabelecimentos educacionais ou o isolamento de outros eram tomadas, tudo demonstrando o valor do assunto para a comunidade local.

Além de questões de ordem ideológica e filosofia, o ensino refletia a frágil formação do educador. Faltavam políticas públicas capazes de apoiar e exigir capacitação específica para os profissionais da educação. Em cidades do interior, como Nazaré, a escolha dos professores era orientada por questões de ordem moral, em primeiro lugar, técnica, em segundo e quase nada de pedagógica. É um aluno, e posteriormente educador da época, quem fala do perfil do professor daquele momento:

Agora, quem era o professor secundário? Era o padre que ensinava o Latim, Psicologia, História [...]. Era o Engenheiro agrônomo e civil que ensinava Matemática [...]. Era o Promotor público que ensinava História [...], então havia uma coisa interessante: a nata da

cidade é que era escolhida. Eles tinham o prazer de ensinar, não tinham problemas trabalhistas, não eram contratados, eles tinham profissão e davam uma parte do seu tempo à educação. Daí a escola, o ginásio, as pessoas concluía e se formavam com conhecimento humanístico muito grande e profundo, talvez não tão profundo, mas com vasto conhecimento.

O depoimento nos diz da falta de investimento das autoridades públicas na formação do educador nas primeiras décadas do século XX, e denuncia que o fazer educativo era considerado como uma atividade que não demandava formação específica. Qualquer pessoa com um pouco de conhecimento, sólida base moral, sentimentos altruístas e poucas pretensões econômicas poderia se candidatar à educação. O incentivo não estava nos benefícios econômicos e sim nos de ordem religiosa e ideológica. Quem se dedicava a ela, quase sempre, considerava-se destinatário de uma missão, quiçá transcendente, que seria realizada através da transmissão de valores, visando a formação do caráter e a garantia de pessoas com um determinado perfil na sociedade. Como pagamento, receberia o conforto do dever cumprido, a gratidão dos discípulos e o reconhecimento social pela sua competência e generosidade.

Essas eram moedas poderosas a que todos cobiçavam, considerando-se o grande valor conferido pela sociedade ao educador. As lembranças do mesmo depoente dizem desse prestígio:

[...] o *status* do professor na sociedade era importante. Hoje se perdeu isso. O professor, eu me lembro, quando eu era menino e, conversando na esquina, apontava lá o professor, a gente parava para cumprimentar o professor e dizia: lá vem a professora fulana [...] a gente cumprimentava com aquela reverência, saudade,

aquele carinho. Isso desapareceu, naturalmente pelo número. Surgiram muitos colégios, muitos professores, então se perdeu [...].

O prestígio desses educadores era maior considerando-se sua verdadeira profissão, a posição econômica e social que gozavam, o saber e a cultura que representavam e o serviço social que estavam prestando. Diante de tantos precedentes e da falta de políticas educacionais mais demarcadas, ser professor aproximava-se bastante do missionário, ao tempo em que abria fossos maiores para a profissionalização da atividade.

Algumas personalidades destacavam-se no cenário educacional da cidade e da região, dentre elas o educador Anísio Melhor, à frente do Colégio Clemente Caldas. O jornal local *O Conservador*, do dia 06 de dezembro do ano de 1936, fala do papel e do valor que esse educador possuía na cidade e no cenário educacional, ao divulgar a formatura da primeira turma de Bacharéis em Ciências e Letras: “[...] sob a operosa direção de Anísio Melhor, o Clemente Caldas dá à sua terra a primazia da primeira turma de Bacharéis em Ciências e Letras”.

É esse mesmo educador que no ano de 1926 registrou no seu livro *A Arte de Ensinar* o nome da educadora Guiomar Pereira, ao lado de Jaime Junqueira Aires, José Ferreira da Cunha e Silva, Alcina Barbosa, Rosália Franco Mata, Laurentina Pulgas, Sofia Muricy, como educadores que também se destacavam no campo educacional na cidade e na região.

Os documentos atestam que a cidade de Nazaré, mesmo vivendo dificuldades análogas ao país como um todo e seguindo caminhos pedagógicos pouco profissionais, nos aspectos anteriormente discutidos, mantinha o seu compromisso com uma

melhor qualidade de ensino, a ponto de no ano de 1930 o Ginásio Clemente Caldas ter sido equiparado ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro.

A cidade também iniciou, através do seu principal veículo de comunicação, o jornal *O Conservador*, críticas ao governo pelo pouco interesse em implementar políticas de capacitação e profissionalização da função de educar. Como registrou no dia 05 de maio do mesmo ano: “[...] Infelizmente, os governantes nunca cuidam da criação de escolas para professores. Só existem escolas para estudantes. Entretanto, a criação de tais escolas é uma necessidade e se impõe”.

O prestígio e a boa vontade dos profissionais que ocupavam a função de educadores não ofuscava o olhar dos reais profissionais da educação, que exigiam formação específica do mesmo modo que acontecia com quem desejasse ocupar as funções de médico, engenheiro ou advogado, por exemplo. Nesse contexto reivindicatório de profissionalização do magistério, a educadora Guiomar Pereira, conhecida e reconhecida na área educacional, como professora da rede pública de ensino, criou a Escola Normal de Nazaré, no ano de 1933, com internato feminino e externato misto.

## A mulher educadora e os objetivos da educação

Como dissemos, nas primeiras décadas do século XX, a educação era considerada no país uma atividade missionária do mais alto valor e a cidade de Nazaré, no Estado da Bahia, compactuava dessa convicção, pois acreditavam que dela dependia o futuro

da Nação. No aspecto político, preparando pessoas capazes de entenderem e de viver patrioticamente, ou seja, colocando a Nação em primeiro plano e cumprindo o seu dever cidadão para com ela; no ideológico, levando-as a conhecerem os limites e a importância dos bens materiais sobre as conquistas do espírito e fazendo opção pelos últimos, e no religioso, formando pessoas tementes a Deus e seguidoras dos seus ensinamentos.

Para cumprir esses objetivos, a escola contava, de forma imprescindível e insubstituível, com o educador, a quem competia implementar as ações necessárias aos fins almejados, serem modelos para os alunos, substituírem os pais quando esses não tivessem condições morais, culturais e materiais para darem uma boa formação doméstica aos filhos. Como escreveu o jornal *O Conservador*, no dia 19 de janeiro do ano de 1930:

[...] ordinariamente é o professor quem mais glória obtém com a educação da criança, corrigindo-lhe a índole, doutrinando com zelo e carinho sobre problemas do meio, inculcando-lhe na mente ventoinha, o conhecimento sobre si, sobre a Pátria, a Família e a Religião.

A opção de Guiomar pela educação não se configura como nenhuma novidade, considerando-se que aquela consistia em uma das poucas, senão a única ocupação profissional socialmente aceita para o sexo feminino.

O conceito que gozava como educadora do ensino infantil articulava-se com o de mãe, pois assentava em qualidades de caráter consideradas femininas, tais como carinho, amor e dedicação. O Jornal *O Conservador*<sup>2</sup>, em sucessivas matérias ao longo das primeiras décadas do século XX, registrou essa identificação:

[...] a mulher quando desprovida dos preconceitos mundanos está aparelhada para representar o amor em todas as suas modalidades e empolgar no coração do homem, o sentimento da generosidade [...] e vós, mães de família, aonde estão os sentimentos dos vossos corações, ao contemplardes os gemidos desses inocentes?!. (24.08.1930)

A idéia corrente dizia que a “mais bela e preciosa” qualidade das mulheres era a de serem úteis. O exercício desta se daria no lar, através da prestação de serviços aos seus filhos, ao marido e demais pessoas da família; na sociedade, realizando tarefas de cunho social e filantrópico; por exemplo, visitando doentes e amparando velhos e crianças, sempre seguindo o caminho do ensino. Em todas as situações ela é um ser a serviço dos outros e seu valor advém da disponibilidade para isso, sem queixas nem condição.

Ser mulher/professora era um par considerado perfeito. Do mesmo modo, também o foi para ela seguir o padrão utilitarista com que o sexo feminino era tratado. Dedicou-se à educação com o mesmo afinco com que se dedicou ao papel de mãe e ao de esposa: “[...] sem rótulo feminista ou de confrontação com a hegemonia masculina”, conforme Abinael Leal registrou no *Guia Histórico de Nazaré*, à página 106.

A “destinação natural” da mulher para a educação encontrou na professora Guiomar outro reforço que consistia no seu convencimento sobre o papel social da educação, como o caminho necessário a uma vida social comprometida, no plano mais amplo, com uma nação mais forte e patriótica, e no pessoal, com uma vida melhor, nos aspectos: social, econômico e espiritual. Dizem os depoentes que a educação “estava no seu sangue”,

que era tudo para ela. Atividade que não exercia como profissão, mas como missão, como extensão do seu papel de mãe, com total dedicação e nenhuma restrição. Os alunos eram considerados seus filhos e os filhos desses, seus netos. A cada aluno ou aluna nova que recebia, adotava imediatamente pelo coração e eles passavam a ser motivos dos seus interesses e preocupações.

“[...] Entregando-se de corpo e alma à tarefa educacional, transmitiu aos seus discípulos, com a firmeza das suas convicções, os princípios fundamentais que norteiam a vida, tornando-os aptos a prestarem serviços à sociedade” (PONDÉ, 1995).

Esses objetivos concretos segredavam os verdadeiros: ela pretendia transmitir aos alunos uma maneira de se comportarem, pois era corrente o conceito de educação como o caminho seguro para despertar o sentimento cívico nas pessoas, solidificar a formação moral e alcançar a “fraternidade universal”<sup>3</sup>. Os depoentes não têm dúvidas que ela havia abraçado a educação pela educação, visando apenas o bem do ser humano e da sociedade. Seu empenho era para formar o cidadão integral e não apenas prepará-lo tecnicamente, nisso recebia o apoio das famílias, pois essas não iam de encontro às decisões da Escola. O possível não acatamento era tido como sinal de falta de confiança e conseqüente desvinculação do discente.

Com isso, repete o modelo de educadora da época que visava em primeiro lugar a formação moral, a formação do caráter e, como extensão, melhorar a condição material de vida. A atuação técnica era precedida por pretensões de ordem política e moral: colocar na sociedade pessoas que contribuíssem para um mundo mais solidário, fraterno, íntegro e moralizante.

O *status* e o papel concedido a uma professora naquele momento e em uma cidade do interior eram significativos. Ultrapassavam, e muito, ao simples ato de ensinar a ler e a escrever e a qualquer outra forma de transmissão de uma cultura técnica. Dela esperavam, além de dedicação à causa pública, ponderação, sabedoria para resolver problemas das mais diferentes ordens, equilíbrio emocional, enfim, ela era uma personagem pública e privada ao mesmo tempo. Conhecia e participava tanto dos problemas sociais quanto dos particulares das muitas pessoas que a ela acorriam em busca de um conselho.

A professora não podia ser uma pessoa qualquer, de modo que competia a quem as formava um empenho desmedido a fim de não decepcionar a sociedade e pior do que isso, de não prestar um desserviço social. A educadora Guiomar Pereira, conhecedora da importância conferida e vivida por uma professora, sentia o peso e a responsabilidade com sua formação, até porque, naquela época, a pretensão não era formar professoras, e sim educadoras. A professora, rótulo conferido até pejorativamente a quem não se preocupava com a educação enquanto uma missão, concorria com o de educadora, sonho maior de quase todas aquelas que haviam abraçado a causa, a quem competia formar o caráter, dirigir os pensamentos, controlar os sentimentos, apontar as ações.

A educadora queria formar educadoras, pessoas que repetissem sua prática em todos os recantos em que fossem chamadas a exercerem a missão de educar. Conforme esse depoimento de uma ex-aluna e depois educadora por toda a vida:

[...] Ela não era apenas professora, ela era educadora, porque ela tinha esse idealismo na educação, ela acreditava na educação e ela queria ver multiplicar pessoas que passassem por lá, através de sua... através da educação. Porque naquela época eram poucas as pessoas que passavam por uma escola normal, e eu acredito piamente que o objetivo dela fosse essa multiplicação de pessoas, de formar essas pessoas para o desempenho da profissão.

Não havia nesse ideal de formação nenhum tipo de preocupação com a educação dentro de uma perspectiva cidadã mais ampla, que significasse abertura de espaços e novas consciências para as minorias. Mesmo tendo o sexo feminino como seu principal público, não, pretendia, com sua prática, conscientizar as mulheres e mudar as relações de poder entre os gêneros<sup>4</sup>.

Também sua ação fraterna e solidária que a fazia acolher todas as crianças em seu estabelecimento, independente de condição econômica, não se constituía em uma ação política comprometida com mudanças sociais de base. Não admitia que uma criança ou jovem ficasse fora da sua escola por falta de condições econômicas. Situação que ela procura resolver através da concessão de bolsas de estudo conseguidas por esforços próprios junto ao poder constituído e, não sendo possível, ela mesma arcava com as despesas. Sua prática, em todos esses aspectos, era considerada conservadora e visava formar professoras para se dedicarem à educação e ao lar.

O seu trabalho era tido como patriótico e fraterno, assim como devia ser a educação naquele momento. Na mesma sintonia, quem se dedicava a ele, especialmente as educadoras, eram consideradas e deviam ser, na prática, abnegadas. O jornal *O Conservador* falou do assunto em muitos momentos e de

diferentes formas; registramos uma passagem do dia 19 de janeiro do ano de 1930, que enumera mais um motivo para a irrestrita abnegação: a falta de cultura religiosa e moral de alguns pais, colocando sobre a educadora a total responsabilidade pelo encaminhamento das crianças e dos jovens:

[...] Muitas vezes não sobram aos pais as qualidades morais, próprias a esse fim, ou melhor, a educação religiosa que a todos é necessária mas que, infelizmente, nem a todos foi proporcionada em relatividade à sua carência... ordinariamente é o professor quem mais glória obtém com a educação da criança, corrigindo-lhe a índole, doutrinando com zelo e carinho sobre os problemas do meio, inculcando-lhe na mente ventoinha, o conhecimento do seu eu, da Pátria, da Família e da Religião.

Esse tripé, naquele momento, constituía a base de sustentação da sociedade e a educação deveria servir para despertar ou fortalecer esse ideal patriótico, assim como “[...] instrumentalizar a camada menos favorecida a defender-se contra as possíveis ameaças que tendências políticas como a comunista, poderiam trazer à cultura nacional” (PASSOS, 1999, p. 78). O sentimento patriótico que amalgamava a educação nas primeiras décadas do século XX levava o educador e os responsáveis pela educação a terem especial cuidado com o que e como ensinavam. Sabiam que ensinar mal, que significava não reforçar os valores morais e patrióticos era mais deletério do que não ensinar nada. Assim, além de exigirem do educador qualidades especiais, também centravam o processo educativo no ensino de valores morais que se confundiam com os patrióticos.

Formar cidadãos ordeiros e úteis era a meta maior. Dentro do princípio pedagógico de educar pelo exemplo e sintonizando com a ordem vigente, os educadores do educandário de dona Guiomar mantinham uma relação distinta e respeitosa. Não se ouvia falar, nem suspeitar de atitudes mesquinhas, levianas ou competitivas entre eles, os discentes tomavam conhecimento disso e se sentiam orgulhosos de participarem daquele ambiente e obrigados a manterem a mesma postura.

Competia às mulheres, destacadamente às professoras, a função de propagar a ideologia dominante em sua função, dirigindo os desejos e velando para evitar descaminhos. O papel das mestras chegava a ser comparado ao de um general, dada a sua importância na formação dos futuros cidadãos. Continua o referido jornal na matéria citada: “[...] para a organização do exército, necessita, porém, de generais que saibam incentivar os militantes na ação enérgica, colhendo sempre os resultados satisfatórios. Esses generais são os mestres. Carecemos de professores, para o grande certame da propaganda do livro”.

Essa competência, de articular patriotismo com formação moral e informações técnicas era conferida a Guiomar Pereira em todas as iniciativas educacionais implementadas em destaque na formação de novas educadoras. Elas precisavam ser tocadas pela mesma ideologia, imbuídas do mesmo ideal, e motivadas para exercerem suas ações com a mesma competência e compromisso da sua mestra, pois a educação, além de servir para despertar o sentimento cívico, também solidificava a moral, considerada o caminho para a perfeição individual e para a “fraternidade universal”, em palavras do referido autor do artigo que estamos citando.

A comparação que se fazia da mestra com figuras do exército é fartamente explorada: além de generais no sentido de fortes, determinadas e valentes na luta por incentivarem seus discípulos a praticarem ações patrióticas, elas são também consideradas formadoras de “soldados para a defesa da pátria” o que seria feito, como vimos, pela disciplina, respeito e exemplo. O compromisso patriótico da educadora Guiomar era fortalecido pela fé inabalável em Deus, enquanto católica praticante que era. Essa situação lhe conferia, além da competência técnica, a capacidade de educar de forma piedosa, seguindo as normas da moral cristã.

A religiosidade da educadora era traduzida, na prática, através da adoção de um currículo escolar onde a disciplina religião constituía-se em um dos principais pilares, no cumprimento de uma rotina de festas e celebrações de cunho religioso<sup>5</sup>, tudo isso em função da implementação de uma moral cristã que reverterse em seres tementes a Deus, respeitadores e defensores da ordem e da hierarquia e cumpridores do dever.

O “sucesso” desse modelo é reconhecido por quem vivenciou a experiência, na função de aluno ou de docente, bem como pela sociedade que acolhia as pessoas oriundas de tal formação. Em todas, os depoimentos falam do orgulho de terem tido a oportunidade de passarem pelo crivo da educadora, de deverem a ela a vida reta e sem surpresas que seus ensinamentos favoreceram. Esquecem-se ou não têm a visão do todo, a ponto de analisarem que a principal função de uma pedagogia ética deve ser a de preparar os indivíduos para discernirem e julgarem, que ela não é pura adesão, mas escolha, consciência e vontade.

A moral cristã, que tradicionalmente tem sido a base da educação brasileira, reduz-se na luta do bem contra o mal, pautada em valores universais. Desconsidera que a prática educativa é humana e cultural e precisa ensinar o indivíduo a conviver com as diferenças, sejam elas étnicas, religiosas, de classe ou de gênero, preparando-as para fazerem escolhas dentro das possibilidades existentes. O caminho seguido decerto divergia da consciência para a ação, pois apoiada na razão e na fé, a moral tradicional prega fórmulas prontas, *a priori*, e imperativos categóricos do tipo: “deve isso” ou “não deve aquilo”.

O *Guia Histórico de Nazaré* registrou a base moral da prática educativa de Guiomar Pereira:

[...] Deu ênfase à ordem e à hierarquia, pois sempre lhe pareceu que a liberdade necessária deve estar baseada na responsabilidade e direito, no cumprimento do dever. Formando esse diapasão, seus educandos, tanto da Escola Normal quanto do Grupo Escolar José Marcelino de Souza, onde também pontificava, o resultado do seu trabalho foi coroado de pleno êxito e hoje podemos estar aqui a render justa homenagem à sua memória, cheios de gratidão e mesmo envaidecidos da condição de ex-alunos de sua gloriosa Escola [...]. (LEAL, s/d, p. 106)

Em síntese, Guiomar Pereira era considerada a educadora ideal: severa e ao mesmo tempo doce; guardiã dos seus alunos, dentro e fora da escola; conhecedora e seguidora dos princípios morais e dos bons costumes; possuidora de sentimentos elevados e altruístas. Era considerada uma professora completa: no sentido técnico e moral.

[...] ela era uma professora completa no sentido pedagógico, no sentido de orientar o aluno, como educadora. Não era uma

simples instrutora; ela era uma educadora. Ela via todo o aspecto do aluno, ela reprendia, ela chamava atenção, exigia. Era católica, era baseada nos princípios católicos. (Depoimento de uma ex-aluna)

Com essa imagem, ela influenciou gerações e gerações de professoras e de mães, que também afirmam terem exercido a “missão” de educar seguindo as pegadas da mestra.

## Notas

<sup>1</sup> A ida para o Rio de Janeiro naquela época só foi possível porque lá residiam os familiares de sua mãe, que era carioca. Muitos homens da família materna eram da aeronáutica, decerto com uma postura rígida e disciplinada, certamente considerada apropriada à educação de uma jovem naquele momento.

<sup>2</sup> Principal meio de comunicação de massa da cidade de Nazaré e circunvizinhanças.

<sup>3</sup> O jornal *O Conservador* assim definiu a educação em matéria do dia 23 de novembro de 1930: “[...] é o ato que por si só basta para despertar no povo brasileiro o sentimento cívico e tornar os libertadores do regime, dignos do aplauso geral, porque a instrução é a base onde solidifica-se a moral, é o ponto inicial de tudo quanto tem contribuído para a perfeição, é enfim, o único traçado que há de conduzir os passos ao pacto da fraternidade universal”.

<sup>4</sup> Vários depoimentos atestam que a educadora não pretendia que as mulheres, através do estudo, pudessem ganhar autonomia, como atesta o seguinte: “(...) olha, tem certas coisas que se debatem hoje surgiram de um certo tempo para cá. Essa coisa de machismo a gente não cogitava. Só para ilustrar, o problema do racismo, eu estudava aqui, tudo igual... depois que foram surgindo os políticos é que se começou a descobrir o racismo e tal. Tudo isso, pelo menos aqui na região, eu nunca vi isso não. Assim como o problema da discriminação da mulher. Não era uma discriminação, era um cuidado que os pais tinham, pois a moça ficava sob a custódia, sob os cuidados dos pais e saía para o casamento. Era o costume, nós olhávamos uma mulher como uma deusa” (Depoimento de um professor conhecido da cidade de Nazaré).

<sup>5</sup> “[...] no colégio havia a matéria religião. Ela nos levava à missa – as internas – todos os domingos. Nós rezávamos Mês de Maria no colégio. Rezávamos o mês

de Maria todo. E mês de Coração de Jesus, também. As procissões, as missas festivas ela ia com o internato, toda comemoração religiosa estava o educandário presente com Dona Guiomar Muniz Pereira. Todas as comemorações cívicas, sociais, religiosas, a presença dela era constante nessas comemorações todas e essencialmente as religiosas e cívicas” (Depoimento de uma ex-aluna e filha de criação da educadora).



*O idealismo de Guiomar Muniz Pereira em favor da instrução e educação iam além da expectativa, em 1933 criou a Escola Normal de Nazaré, com internato feminino e externato misto.*

Jaime Muniz

Iniciou a carreira como Adjunta da Professora Alcina Barbosa, na cidade de Nazaré. Pouco tempo depois, foi nomeada professora primária da rede pública, indo ensinar na cidade de Santa Inês, sendo dois anos depois transferida para a cidade de Nazaré, onde exerceu a profissão por 42 anos, aposentando-se em junho do ano de 1956.

No seu retorno à cidade de Nazaré, voltou a ocupar a função de Adjunta da Professora Alcina Barbosa, diretora da escola, cargo que passou a ocupar com a aposentadoria dessa. Sob sua direção, a escola a cada ano abria nova classe, transformando-se em um Grupo Escolar, a que ela denominou de Dr. José Marcelino de Souza<sup>1</sup>, dando início a uma longa trajetória como dirigente escolar.

O cargo de Diretora era acumulado com o de professora de Prendas Domésticas, no mesmo estabelecimento, habilidades em que ela era considerada por excelência. Seus trabalhos, realizados em parceria com as alunas, saíam do espaço educacional e ganhavam o da sociedade,

através de exposições anualmente realizadas. A elas acorria a sociedade, respondendo ao apelo que o nome da educadora fazia, reforçado pelos chamados incorporados pelos meios de comunicação, especialmente o jornal *O Conservador*. Em matéria do dia 08/12/1928, o referido jornal assim registrou uma exposição de trabalhos da educadora e suas colaboradoras:

[...] Revela salientar pela quantidade de trabalhos expostos, gosto e estética dos mesmos a exposição organizada pela professora Guiomar Pereira. Entretanto, as outras professoras como dona Rosália Matta, dona Isaura Varella, dona Adelina Saeyg e demais companheiras não lhes fizeram aquém na arte de prendas, pois as suas exposições estavam dignas de figurar num grande certamen, tão encantadores e artísticos trabalhos apresentaram os seus alunos.

Dois aspectos merecem destaque: primeiro o que demonstra traços da personalidade da educadora, mesmo antes de ter a sua própria escola, ela mostra-se combativa e realizadora, em um momento em que se esperava que a mulher fosse apenas “rainha do lar”, sobra do homem, sua auxiliar e companheira, ela tem vida própria e projeção independente. Atrelado a esse aspecto, o segundo remete à questão de gênero. Seu “sucesso” ocorre em uma área tradicionalmente feminina e que não concorre com os desejos nem fere as expectativas masculinas. Também em nada transcende ao lugar destinado ao sexo feminino naquele momento, de modo que seus trabalhos, mesmo sendo considerados de grande qualidade artística, não ultrapassam o *status* de “prendas”, não chegam ao de arte.

Essa separação foi muito comum na primeira metade do século XX e continua presente no imaginário popular, inclusive

das mulheres. O que aparentemente é simples e natural, encerra no campo das significações sérias conseqüências, pois fala de relações de gênero preconceituosas que mantêm a mulher em atividades de menos prestígio e menor remuneração, que requerem menos preparo técnico e mais intuição, que merecem ser olhadas e admiradas como adereços, lazer, enfeite, e não como técnica, método e teoria.

No ano de 1933, criou a Escola Normal de Nazaré, com internato feminino e externato misto, denominada no ano seguinte Educandário de Nazaré, o qual ela dirigiu por toda a vida.

No dia 1º de agosto do ano de 1937, fundou o Jardim de Infância, anexo à Escola Normal, visando responder às exigências pedagógicas do momento. A inauguração da escola infantil foi registrada pelo jornal *O Grito*, no dia 25 de julho do referido ano:

[...] vencendo quantos obstáculos se têm anteposto ao seu propósito de desenvolver a instrução da infância e da mocidade, não só da terra que se ufana de lhe ter sido berço, mas de toda a rica região sudoestina, a Professora Guiomar Muniz Pereira, Diretora do Grupo Escolar Dr. José Marcelino e do Educandário de Nazaré, equiparado à Escola Normal da Capital do Estado, dentro dos moldes da moderna pedagogia, inaugurará no dia 1º de agosto, às 16 horas, anexo ao dito educandário, um Jardim de Infância.

Ao tempo em que continuava trabalhando na rede pública de ensino, como professora de Prendas Domésticas<sup>2</sup> e diretora do Grupo Escolar Dr. José Marcelino de Souza. Aposentou-se após 40 anos de ensino, para seus alunos, professores e sociedade, “muito cedo”, tendo deixado grande vazio, pois era

considerada por todos como uma educadora exemplar. Como registram alguns documentos e confirmam os vários depoimentos:

[...] ela era uma professora completa no sentido pedagógico; no sentido de orientar o aluno. Não era uma simples instrutora, ela era educadora. Ela via o aspecto do aluno, ela repreendia, ela chamava atenção, exigia. Era católica, era baseada nos princípios católicos. (Depoimento de um ex-aluno da Professora Guiomar)

## A Escola Normal de Nazaré

As reivindicações de uma escola normal para a cidade apresentavam-se em forma de coro, tantas eram e pronunciadas exaustivamente nos fóruns apropriados e nos meios de comunicação de massa. O mais constante jornal da cidade, no momento da concretização do sonho, com a criação da referida Escola, procurando reconstituir a trajetória reivindicatória, divulgou que o poeta José João do Patrocínio foi o pioneiro, através da escrita de vários artigos, divulgados no referido meio de comunicação, onde mostrava o quanto o município de Nazaré carecia de uma escola de formação de professores. Visando solucionar o problema, ele aliou-se à professora Acelina Paiva, recém-chegada à cidade, todavia não lograram êxito. A luta foi reforçada com o apoio do professor Edgard Ayres e, em seguida, das professoras Prisciliana Dantas e Abigail Maia. Essas aproximaram-se bastante da concretização do objetivo, com a fundação do Curso Fundamental, com duração de dois anos, que dava acesso ao Curso Normal.

O momento, entretanto, não era benéfico para as escolas particulares, considerando-se que o Estado iniciava sua política de investimento na educação e colocava uma série de dificuldades burocráticas aos educadores particulares. Apesar de conhecer as barreiras, mas impulsionada por questões de ordem pessoal e social, o estabelecimento foi comprado pela educadora Guiomar Pereira, que conseguiu driblar os impedimentos e realizar o seu sonho e da comunidade, com a criação da Escola Normal, conforme Decreto número 8.833, publicado no Diário Oficial de 3 de março do ano de 1934. Criou-se assim a Escola Normal, denominada Educandário de Nazaré, conforme o Decreto Estadual 986, do mesmo mês e ano.

A Escola veio preencher não só a lacuna existente pela falta de estabelecimentos de ensino desse porte na cidade e na região, responder à demanda dos profissionais da educação e pessoas envolvidas com ela quanto a oportunidades de profissionalização, como também das famílias que ressentiam a carência de instituições de ensino, especialmente para o sexo feminino. Na impossibilidade de mandarem suas filhas para as tradicionais escolas femininas sediadas em Salvador, como os colégios religiosos Nossa Senhora das Mercês<sup>3</sup> e Nossa Senhora da Soledade, dentre outros do gênero, as famílias do município de Nazaré e de cidades circunvizinhas passaram a contar com a Escola Normal de Nazaré. A efemeridade foi registrada em todos os meios de comunicação da cidade, como fez o jornal *O Regenerador* no dia 11 de abril de 1934: “[...] iniciaram-se as aulas da Escola Normal, com festas e simpatias unânimes. Estão à frente desse estabelecimento o ilustre Anísio Melhor e a competentíssima Professora Guiomar Muniz Pereira”.

A parceria entre a educadora e Anísio deu-se em virtude de um boato nunca confirmado, à época, que falava de impedimento legal de quem possuísse cargo público<sup>4</sup> assinar documentos de estabelecimentos educacionais particulares. Para resolver o problema, os educadores fizeram um contrato de trabalho, concedendo a Anísio um salário a fim de exercer a direção da recém-criada escola. A alternativa encontrada trouxe sérios problemas à nova instituição, culminando com o desejo do educador de incorporá-la ao Ginásio Clemente Caldas, de sua propriedade. O fato forçou a ruptura da parceria feita e adiantou a decisão da educadora em assumir a direção da Escola Normal.

Sem dúvida existe muito mais a se conhecer nas entrelinhas do que o possível de ser captado através dos documentos oficiais e de conhecimento público. Dentre eles, quais as condições diferenciadas apresentadas pela professora Guiomar para conseguir o intento de criar a Escola quando tantos trilharam o caminho, sem sucesso? Sua tenacidade e determinação são notórias, qualidades que também não faltaram aos educadores que investiram na causa anteriormente e não lograram a vitória. O que a fez ter mais sucesso, por exemplo, do que as duas educadoras que chegaram a fundar o Curso Fundamental? O que a orientava quando aceitou fazer com o professor Anísio um acordo aparentemente questionável, do ponto de vista moral? O que levava os órgãos públicos à ameaça de fechar o estabelecimento, mesmo sabendo-se o quanto ele era necessário à região?

As respostas que conseguimos encontrar estão centradas na figura da educadora, nos seus traços de caráter e nos vínculos sociais e políticos que possuía, como demonstra a citação seguinte:

[...] foram sérias as dificuldades que passou a escola face das exigências por parte dos órgãos do Governo, ameaçando fechar, alegando falta disso ou daquilo. D. Guiomar enfrentava a tudo e a todos com independência e cabeça erguida, com a austeridade que lhe era peculiar e pensando apenas no futuro da escola, quando surgiu a alma amiga e boa na pessoa de Dr. Álvaro Silva, Diretor de Educação e Cultura, seu mestre e velho amigo que, empunhando a bandeira da redenção da escola, evitava e saneava as dificuldades que surgiam. (MUNIZ, 1984)

O compromisso com o futuro da Escola e mesmo a decisão de comprá-la são considerados por muitos como decorrentes do seu perfil, destacando-se os valores que acreditava e aqueles que definiam a condição da mulher e seu envolvimento com a maternidade. O fechamento da Escola Fundamental desfazia o sonho de ver sua única filha seguir os estudos sem ter que se ausentar da família. O apego materno e os valores vigentes à época, impeditivos ou preconceituosos quanto à saída da mulher da casa paterna para estudar ou trabalhar fora constituíram-se em um dos principais motivos para sua decisão de criar a escola, atitude que, por extensão, beneficiaria outras famílias em situação análoga.

Parece um ideal menor para a grandeza da obra e o nível das dificuldades acarretadas, todavia, considerando-se que a subjetividade feminina vem sendo formada atrelada ao biológico, porquanto a cultura reitera que ser mulher é ser mãe e esposa acima de qualquer outro papel, e, naquele momento, que a honra de uma mulher deveria ser guardada a todo e qualquer custo, a decisão da educadora torna-se compreensível e justificada. Assim, as depoentes não têm dúvidas dos reais e “justos”

motivos que levaram Guiomar a enfrentar todas as dificuldades para garantir a existência de uma escola normal na cidade de Nazaré:

[...] Foi a filha dela. Não teve outra coisa. Foi o ponto alto. Ela batalhou. Ela entrou, não entrou com facilidades não. Foi muito difícil comprar. Ela não tinha recursos assim, não. Professora primária. Foi a filha que levou ela a isso. Ela nunca se separou da filha, não queria que a filha viesse estudar aqui (Salvador), porque ela tinha que ficar com ela. Ela não entendia isso. Como fazer isso? Então foi no ano mesmo que ela terminou o 2º ano e entrou logo no Curso Normal. ( Depoimento de uma ex-aluna)

É também ao perfil da educadora Guiomar que se confere o alto prestígio que a Escola ganhou desde os primeiros anos e garantiu ao longo da existência, como registram documentos da época e depoimentos conseguidos:

[...] A escola Normal de Nazaré, que se encontra sob a competente direção da Professora Guiomar Muniz Pereira, realizou em noite de 07 do passado, no cinema Rio Branco, nesta cidade, atraente festival músico-teatral, em que tomaram parte um grupo de normalistas e escolares, em benefício da Biblioteca do referido estabelecimento de ensino. (Jornal *O Conservador*, 01.12. 1935)

[...] A Escola Normal de Nazaré realizou na tarde de 18 do passado esplêndido festival esportivo dando cumprimento à parte do seu programa educacional que se refere à cultura física. Assim é que na referida tarde, sob a luz primaveril e aos acordes da “Lira de Bronze”, efetuaram-se no Estádio Conceição algumas séries de exercícios e jogos executados pela mocidade feminina do citado estabelecimento de ensino superior que obedece a competente direção da Professora Guiomar Muniz Pereira [...]. (Jornal *O Conservador*, 01.12.1936)

Mantendo o regime de externato para ambos os sexos e de internato para o sexo feminino, sua missão principal era a formação feminina e o internato era o seu ponto forte<sup>5</sup>. Atendia as cidades que ficavam no entorno da estrada de ferro, tais como: Jequié, Santo Antonio de Jesus, Laje, Mutuípe, Jequiriçá, Amargosa, São Miguel, dentre outras, chegando a contar com 120 internas, o que confirma a importância da Escola para a região.

As alunas referem-se ao internato como sendo sua própria casa, pois ele era também a residência da educadora e de sua família: “[...] ela morava lá no internato: ela, o marido, a filha e tudo, nós todos também morávamos no mesmo ambiente. Então eu acho que era uma espécie de família geral” (Depoimento de uma ex-interna).

O ambiente familiar era unguído pela vida de trabalho fora de casa que a educadora levava. Sua função de professora da Rede Pública de Ensino exigia que ela saísse todos os dias e que passasse ao menos um turno fora de casa, o que não a impedia de impor e garantir uma rotina exemplar. As alunas tinham horário para acordar, para fazerem as refeições, para os estudos, para rezarem e para o lazer, tudo que uma vida “normal” comporta.

Era conhecido o rigor com que Dona Guiomar administrava a escola e assim o internato. Todos sabiam do seu “pulso forte”, capaz de garantir que suas alunas fossem a qualquer lugar sem excederem em nada, participassem de solenidades cívicas em silêncio, andassem em filas sem olharem para os lados, agissem com pontualidade e assiduidade.

Apesar disso, a vida cotidiana do internato diferia essencialmente do modelo existente, principalmente orientado e dirigido por religiosas vinculadas a ordens. Nele, as alunas tinham verdadeiramente um ambiente familiar, iniciando pela presença de uma família nuclear, a da educadora, inclusive com a participação de um homem, marido e pai, à possibilidade de participarem da vida social da cidade, indo a bailes, passeando pela cidade, freqüentando regularmente missas e solenidades religiosas.

As alunas sabiam e sentiam-se acompanhadas e protegidas, as famílias não duvidavam disso, entretanto, a instituição fugia do modelo corrente de internamento que pressupunha perda da identidade “civil” das internas, através de rituais de isolamento, silenciamento, destituição de hábitos e direitos que antes de irem para a instituição possuíam. Dona Guiomar e sua família mantinham com as alunas uma relação baseada na disciplina, amizade e cumplicidade.

A qualidade e reconhecimento conferidos à instituição foram sempre crescentes, como veremos a seguir, trazendo como conseqüências concretas o seu crescimento. No ano de 1952, a Escola Normal aumentou seu patrimônio e ação pedagógica com a compra do Ginásio Clemente Caldas e da Escola Técnica de Comércio do mesmo nome. A direção continuou a cargo da professora Guiomar. Com essa aquisição, a obra educacional da educadora tornou-se muito mais influente, pois além de atuar com jovens professorandas, ela passou a ter o aluno ao longo de sua vida educativa, com exceção do curso primário, pois esse era um nível em que não havia carências.

## Método de ensino

Os métodos adotados na Escola Normal, assim como na prática educativa da época, também seguem os velhos cânones da moral cristã tão conhecidos e praticados pela educação brasileira: disciplina, observância e exemplo, apesar da educação ser reivindicada como instrumento de mudança de consciência e atitudes políticas. As lembranças dos educadores da época e dos alunos revelam um processo educativo centrado na memorização e na obediência, sem reflexão. Como demonstram os depoimentos que se seguem:

[...] o ensino da época era assim, com o livrinho na mão, decorando, porque antigamente tinha as perguntas e as respostas feitas, e hoje não tem mais nada disto. Tinha que ser na íntegra, sem saber o que era. Sabe por que? Eu lhe digo porque: quando eu estudava aritmética, tinha que se saber, definitivamente, todas as regras de somar, multiplicar, dividir e frações, todas decoradas. Eu decorava tudo e não sabia como funcionava aquilo. Eu dava respostas e não sabia [...]. (Aluna da década de 30)

A orientação tradicional seguida pelo estabelecimento, como era comum às escolas na época, colocava nas mãos do educador o poder para controlar o processo ensino-aprendizagem. A ele competia transmitir o conhecimento, definir o ritual didático, o processo de avaliação e suas respectivas promoções ou reprovações. Um professor do mesmo período destaca o centralismo da educação na figura do educador e a relação hierárquica estabelecida entre eles: “[...] o ensino naquele tempo – vocês sabem – existia um respeito muito grande do aluno para com o professor. [...] eu acho que isso era uma coisa fabulosa para

o ensino. As gerações se formavam com ordem, eram todos, com raríssima exceção, cidadãos úteis, ordeiros”. Na seqüência do seu depoimento saudosista e queixoso, ele demonstra que aquele caminho pedagógico servia para formar pessoas obedientes e acomodadas, seres que se conformavam com as condições de vida como sendo um destino que precisava ser aceito com conformismo e tolerância.

Por sua vez, os educadores submetiam-se à direção escolar; na situação em questão, a diretora Guiomar Pereira acompanhava tudo de perto e dava o destino a ser seguido. Além de conhecer cada professor e cada aluna em particular, participava das bancas de provas<sup>6</sup>, acompanhava o trabalho do docente e o desempenho discente através dos boletins escolares.

Também os pais participam do seu ciclo de controle, pois eram informados do andamento dos filhos e chamados a participarem quando esses não correspondiam aos objetivos da escola. Como confirma o depoimento que segue:

[...] Ela perguntava aos professores como é que iam os alunos e acompanhava como iam pelo boletim. Através do boletim, ela sabia a situação do aluno, ela se comunicava com os pais... não é? Adotava um memorando convidando ou dizendo aos pais, o boletim era encaminhado todo final de avaliação. (Ex-aluna)

Esse é mais um exemplo do modelo de educação da época, seguido pelas instituições de ensino destacadas. Nele, a educadora e os professores que formavam sua equipe de trabalho deviam simbolizar nos atos, prática educativa e na vida em geral, exemplo a ser seguido.<sup>7</sup> Eles corporificavam a instituição e eram escolhidos com rigor, especialmente quanto à sua postura moral.

Isso conferia ao estabelecimento, na figura da sua diretora, poderes que poucos possuíam. Além de ser ouvida e celebrada socialmente, respeitada e imitada pelas alunas, recebia das famílias mais do que apoio material, contava com a confiança, a estima e a deferência. Seus chamados eram prontamente atendidos e as sugestões acatadas.

As ex-alunas do educandário, hoje, referem-se ao método de trabalho da educadora e seus reflexos sobre elas como importante e motivador: “[...] como eu disse a pouco, foi realmente um período muito bom, porque aquela exigência dela foi até um incentivo muito grande para o alunado, pra estudar e passar, porque ela fiscalizava, ela mandava para os pais o boletim, era muito gostoso”.

A sociedade e os órgãos de comunicação de massa do momento traduziam a maneira de viver e de educar de Guiomar como: inteligente, modelar, eficiente, dentre outros adjetivos, que por sua vez se estendiam à sua direção: “[...] esclarecida, operosa, talentosa, distintíssima”, registrou a *Revista Bahia Chic*, no ano de 1956.

Naquele momento, conferia-se aos novos métodos educativos a responsabilidade por preparar cidadãos, comprometidos com uma sociedade mais ética, ou pessoas tidas como nefastas ao social por sua tendência reivindicatória e política. Essas eram tidas como seres que dificultavam o “bom” andamento social. Destarte, os métodos educativos deviam visar estabelecer a disciplina e a acomodação, a fim de garantir a ordem social. Alguns ex-professores do educandário por nós entrevistados, decerto com os olhos do passado e as recordações

das experiências vividas, falaram do valor das escolas por serem, “verdadeiros reformatórios”.

Guiomar, mesmo refletindo o modelo de educadora da época, centralizadora e austera, era também tida como humana e confiante nos professores que trabalhavam com ela. Delegava-lhes o poder de elaborarem os programas das disciplinas que ensinavam, os planos de aula e a escolha do livro didático, porém, colocava-se na posição de supervisora com direitos a opinar e sugerir alterações.

“[...] ela supervisionava tudo. Ela tinha conhecimento de tudo o que ocorria sob todos os pontos de vista. E na hora de chamar atenção e surpreender ela não contava dois tempos. Chamava e ‘assim está errado’ e ‘acabou’”. (Entrevista concedida por um ex-professor do educandário no dia 23 de outubro de 2000).

## Qualidade pedagógica

Conforme depoimentos, a Escola manteve seu conceito e conseqüentemente sua clientela ao longo da sua existência: “[...] a escola não teve baixa. Desde que ela foi fundada, ela foi sempre crescendo. Nunca teve queda. Sempre com o número bom de alunos. A maioria das moças da cidade e dos rapazes estudava lá”, lembrou uma ex-aluna que viveu no internato da Escola.

A competência de uma instituição educacional naquele momento era definida por alguns demarcadores, dentre os quais: a disciplina, o rigor moral e a capacidade técnica. A obra educativa

de Guiomar, carreada pela Escola Normal, não negligenciava em nenhum deles. Como as duas primeiras não estavam em questão, considerando que eram a espinha dorsal de uma escola que pretendesse ter vida longa, vale destaque a última categoria, considerando-se que aquele era um momento de concursos para o ensino público e época em que o sonho do ensino superior passava a fazer parte da vida das pessoas, inclusive das mulheres<sup>8</sup>.

Um depoimento de uma ex-aluna, ao lado de tantos outros do mesmo teor, é conclusivo sobre a questão: “[...] Do Educandário de Nazaré saíram alunos que se distinguiram em outros colégios, em vestibulares, concursos e na vida pública”.

Todos os ex-alunos entrevistados falam da excelente qualidade de ensino da instituição, a ponto de compararem o Curso Normal que fizeram a muitos cursos universitários de hoje. Também registram que a melhor apresentação que podiam fazer de si era dizer serem alunos ou alunas de Guiomar Pereira. A referência não abria portas gratuitamente, mas através da aprovação em concurso vestibular, nas primeiras colocações em concursos públicos para preenchimento de vagas no Magistério Primário e tantas outras situações de competição e disputa onde a competência fosse avaliada.

### **Simbiose entre escola, educadora e sociedade**

A Escola Normal era o centro gravitacional da vida cultural da cidade de Nazaré<sup>9</sup> e da região. A partir do ritual do Colégio, referente às atividades internas e aquelas levadas ao público,

é possível reconstruir a própria cultura da cidade de Nazaré, os hábitos e costumes locais devido ao total engajamento da mesma com a vida social. Ele também proporciona reflexões e inferências sobre a filosofia educacional hegemônica, os símbolos cultuados e seus significados. Ali, festejavam-se as mesmas datas cívicas, religiosas e folclóricas que a sociedade também comemorava: 02 de Julho, Independência da Bahia, 07 de Setembro, Independência do Brasil, 13 de Maio, Libertação dos Escravos, Dia da Árvore e tantos outros, colocando-o como o centro cultural da cidade, visibilizado, elogiado, cultuado, amado.

Nesses momentos, transcendiam-se os espaços público e privado, tornando a escola pública e a sociedade privada, tal era a articulação e o embricamento. A educadora participava como autoridade junto às demais autoridades civis, militares e religiosas, inclusive proferindo discursos. Nas teias mais sutis, enredavam as alunas, professores, direção e familiares, fazendo com que não houvesse limites entre o formal e o informal, a razão e o sentimento. Os feriados tornavam-se dias de maior integração, trabalho e cumplicidade.

A participação discente se fazia de maneira total. Considerando-se a pouca variedade de opções culturais e de lazer que a cidade oferecia, as limitações que especialmente as alunas viviam, devido aos fortes impedimentos moralistas que circundavam a vida feminina naquele momento, participar das atividades da escola apresentava-se como a via normal e necessária. Formalmente, a participação discente no Colégio se dava em várias instâncias, destacando-se seu envolvimento com o Grêmio Humberto de Campos, do mesmo estabelecimento.

Organizado de maneira sistemática e com direção democraticamente escolhida, a ele competia muitas atividades, senão todas, de caráter cívico. Também aquelas classificadas como “culturais”, tais como representações teatrais, levadas ao público em espaços sociais como a sede do cinema ou do estádio.

As atividades eram precedidas por longa preparação, sob a coordenação ou a orientação da Escola. Explicitamente, os discentes e o Estabelecimento visavam com isso garantir a qualidade técnica das atividades, entretanto, a parceria significava, do ponto de vista do colégio, conhecer e controlar especialmente a qualidade das ações nos seus aspectos moral e religioso, a fim de evitar qualquer mácula à instituição.

Os motivos podem ser inferidos dos elementos apresentados, assim como da sua forma democrática e até liberal de educar. Numa época em que internato era sinônimo de enclausuramento, perda da identidade pessoal, pela proibição dos usos e costumes de vestuário, maquiagem, gosto alimentar, o internato da Escola Normal de Nazaré cuidava, zelava, protegia, mas não anulava a pessoa.

A sabedoria estava em proteger sem sufocar, guardar sem esconder, internalizar sem sair do contexto social, ensinar e cultivar princípios morais, e não moralistas. Suas alunas participavam de missas, procissões e outras atividades religiosas, mas também freqüentavam festas e teatros. Sua convivência com a sociedade acontecia envolta em respeito, admiração e mistério.

A participação das alunas internas da Escola Normal em qualquer festividade significava bom gosto, qualidade, distinção, suspiros e emoções veladas. Alguns registros da época

são elucidativos: “[...] ah! Para a época era. Diziam: “a Escola Normal vai...”. Ah! Os suspiros iam muito mais longe do que o simples desejo do flerte ou namoricos de festa, as alunas de dona Guiomar eram consideradas “bons partidos” em todos os sentidos. Quase sempre eram moças de boas condições econômicas, filhas de fazendeiros do Recôncavo Baiano. Pela educação que estavam recebendo no Internato, podia-se esperar pessoas educadas, prendadas e de comportamento moral<sup>10</sup> exemplar.

### Fim da Escola Normal

A criação e instalação da Escola Normal foram seguidas por dificuldades de toda ordem, dentre elas, os destaques são econômicos e os técnico-burocráticos. Estes últimos incluíam questões de currículo e capacitação docente. Nos anos 40, estando o educador Isaías Alves à frente da “pasta da educação” no estado da Bahia, exigiu que o docente do ensino secundário possuísse qualificação que não fosse apenas a adquirida em escola normal. A maioria dos professores da instituição não possuía nível universitário, o que o fez ser ameaçado de fechamento<sup>11</sup>. A situação foi remediada através de cursos de suficiência, existentes à época, que davam aos professores o direito a ter o registro do Ministério da Educação, autorizando-os ao ensino.

Guiomar Pereira via na figura do Secretário uma ameaça, pois não o considerava empenhado em ajudar a escola e sim em fazer cumprir a lei, até porque seu interesse era que as escolas

normais do interior fossem consideradas escolas rurais, situação que a educadora não aceitava para a sua instituição e lutava para equipará-la à escola normal da capital do estado da Bahia. Nesse “clima” pouco amistoso, ela estimulou suas professoras a participarem dos cursos e exames de suficiência, dando-lhes total apoio, até mesmo as acompanhando a Salvador, porém, mantinha-se no anonimato, com receio de ser prejudicada pela autoridade maior da educação na Bahia, pois achava que seu nome e sua presença poderiam atrapalhar o processo.

Essa situação demonstra sua importância no campo educacional e o seu valor, pois decerto uma autoridade não perderia tempo em enfrentar pessoas frágeis e de pouca projeção. Entretanto, também indica que nem tudo eram flores no seu caminho; além de lutar contra forças poderosas e identificadas, enfrentava outras sutis e aparentemente inofensivas, mas resistentes e impeditivas, como a dificuldade de ter mulheres/educadoras com escolarização superior. Situação até mais difícil do que enfrentar secretários e ministros, pois ela estava diante de tradições e convicções sociais incrustadas na mentalidade das próprias mulheres professoras e dos seus familiares, que diziam serem elas prioritariamente mães e esposas, comprometidas com o lar e a família, e só depois com os estudos e com a profissão. Também concorriam para tornar a situação mais complicada, questões de gênero que diziam serem as mulheres dependentes e inseguras para viajarem sozinhas e permanecerem, mesmo que por pouco tempo, na “cidade grande”. Lá elas estariam diante de inúmeros “perigos”, especialmente de ordem moral, e não saberiam se proteger.

Mesmo diante da complexidade da situação, a educadora conseguiu superá-la com garra e determinação, mas especialmente pelo seu prestígio e idoneidade moral.

De outra categoria, porém tão dificultosa e impeditiva quanto as primeiras foram as de ordem econômica. Como vimos, a educadora não possuía grandes bens de família e desde o início do projeto da Escola Normal defrontou-se com sérias dificuldades econômicas. Como escola particular, a pretensão era que a mesma se auto-sustentasse, entretanto, a visão filantrópica de Guiomar e sua concepção de educação como uma forma de preparar o cidadão útil ao país, a fazia acolher toda criança, independente de suas posses, o que colocava a instituição em situação econômica difícil.

O poder constituído, através de bolsas de estudo, dava a sua contribuição, consciente da carência de pessoas alfabetizadas e das conseqüências que isso acarretava para o país. O sistema incluía trânsito de influências e amizades ou tenacidade e enfrentamentos, como acontecia com a Escola Normal. Sua diretora possuía algumas amizades, mas não tinha vinculações políticas, restando-lhe a segunda modalidade de caminho na aquisição de bolsas de estudo para a sua instituição. A escola encaminhava a lista dos alunos carentes aos órgãos competentes, o candidato era chamado para entrevista e a verba liberada, normalmente no final do ano letivo.

Essa era uma das poucas formas de ajuda que a instituição e sua diretora contavam, mesmo assim, o sistema exigia delas um investimento prévio e até mesmo a possibilidade de não ressarcimento.

Os documentos da época e a memória dos depoentes confirmam que nenhum problema a fez desistir do seu objetivo. A cada um que surgia, ela reunia suas forças, seu espírito combativo e a boa vontade de amigos fiéis, e conseguia superá-lo. A situação acha-se registrada em vários documentos e em momentos diversos, mas as lembranças de algumas ex-alunas e pessoas que escreveram sobre ela, ativas na década de 90, no contexto das comemorações a que a educadora estava sendo alvo, são conclusivas:

[...] durante sua trajetória de mestra, teve ela que enfrentar sérias dificuldades. Muitas decorreram de exigências governamentais e outras tantas foram movidas pela inveja e competitividade. Nenhuma, todavia, aquebrantou-lhe o ânimo combativo. (PONDÉ, 1995)

[...] a colaboração de amigos, professores e parentes, marcaram presenças. Solidários e coesos, responsáveis pela sua vitória. Vitória de todos. Ela jamais esqueceu tamanha solidariedade. Mas, apenas a bandeira desfraldada, no patamar da vida, ela teria que chegar ao topo, vencendo ladeiras íngremes e degraus escorregadios, carregando o seu troféu. Sofreu críticas indébitas, ficou apenas com a sua consciência. Não parou jamais por ter encontrado uma pedra. (Depoimento de uma ex-aluna)

A partir do ano de 1956, com o falecimento da educadora Guiomar Pereira, o internato foi fechado e o externato passou a ser administrado por Raymundo de Araújo Pereira, seu genro e professor da escola. O novo dirigente procurou manter a filosofia da instituição, inclusive aceitando alunos sem recursos para custear sua formação, entretanto, a morte da educadora e o próprio tempo trouxeram novos agravantes, como

o desaparecimento da via férrea<sup>12</sup> que integrava o Recôncavo ao sul do estado, principal meio de transporte das alunas das diferentes cidades da região e articulação das famílias com a Escola. A concorrência colocou novas dificuldades, pois Nazaré passou a contar com mais uma escola particular de porte, conhecida como escola de Dr. Aurélio Miranda, do ex-deputado Hildérico Oliveira, e a instalação de dois colégios públicos, acarretando diminuição substantiva no número de discentes do colégio e o agravamento da sua situação econômica. Assim, após 52 anos de existência, a Escola Normal de Dona Guiomar, ou Educandário de Nazaré, fechou suas portas.

A notícia, mesmo sendo previsível, causou consternação geral na cidade e na região. Os principais jornais do Estado da Bahia noticiaram o fato, demonstrando o sentimento de perda e de gratidão da população. Um deles, o jornal *A Tarde* fez o seguinte registro no dia 10 de fevereiro do ano de 1986:

[...] com 52 anos de existência, enfrentando todas as dificuldades por que passa o ensino da rede particular em Nazaré, com a diminuição gradual de matrículas, especialmente nos últimos quatro anos – 1983 a 1986 – o Educandário de Nazaré, fundado pela professora Guiomar Muniz Pereira, que mantinha o ensino de 1º e 2º graus, acaba de fechar as suas portas, deixando surpresa a população local ao ver desaparecer o seu mais antigo colégio, o primeiro núcleo educacional da região.

O assunto voltou a ser notícia em anos subsequentes, como o de 1986, nos dias 29 de novembro, no jornal *Tribuna da Bahia* e 15 de dezembro, no jornal *A Tarde*. O primeiro procura mapear os motivos que provocaram o encerramento das

atividades do conceituado estabelecimento e o segundo registra o valor histórico do acervo deixado pela instituição através do trabalho da educadora Guiomar Pereira, mesmo já tendo sido transcorridos 30 anos do seu falecimento:

[...] A professora Guiomar Muniz Pereira legou-nos o antigo educandário, um belo casarão colonial no Centro de Nazaré, com todo o seu acervo, móveis, louças, relógios antigos, o telefone que foi da Estrada de Ferro de Nazaré e hoje só é visto<sup>13</sup> em filmes antigos e o arquivo de 50 anos de educação na Bahia . Tudo isto está prestes a desaparecer. O trabalho de toda uma vida dedicada à educação é objeto de admiração e respeito, quando estes não custam mais que palavras. (*A TARDE*, 15.12.1989)

No ano de 1995, o Educandário voltou a ser lembrado, especialmente pela falta de cuidado dos órgãos públicos com o seu acervo e suas antigas instalações. Nesse contexto, a lembrança volta-se para sua mentora, em um questionamento que demonstra que ela, através da sua obra, ideal de uma vida, merecia ser venerada. O jornal *Tribuna da Bahia* assim tratou o assunto:

[...] responsável pela difusão do saber em todo o Recôncavo e Sudoeste baiano, Guiomar Pereira, se estivesse viva, certamente estaria decepcionada com a situação do Educandário que criou em Nazaré das Farinhas. Doado ao governo municipal nos festejos do centenário, o prédio de três andares se encontra em total abandono e sob ameaça de desabamento (29.07.1995)

O jornal *A Tarde*, no mesmo ano, também lamenta o abandono daquele que foi o estabelecimento educacional mais conceituado do Recôncavo Baiano, externalizando que sua fundadora

merecia ter mais consideração. A vinculação da instituição com a Professora Guiomar Pereira se manteve, mesmo com o passar do tempo, assim, o lamento quanto ao descuido com a história da instituição é interpretado como descuido para com ela. Mesmo ela sendo reconhecida e prestigiada como pessoa física, a opinião pública não olvida a pessoa jurídica e reivindica para ela o mesmo tratamento dispensado à primeira.

## Notas

<sup>1</sup> Governador da Bahia e responsável pela sua transferência para a cidade de Nazaré. Naquele momento, a função de professora primária era importante e as nomeações e destinos ficavam à mercê de interesses políticos. Com ela, os depoentes afirmam que não foi diferente. Ela tinha um tio político que veio a se casar com uma filha do então governador, fato que consideram ter favorecido sua transferência.

<sup>2</sup> Também foi professora de Instrução Moral e Cívica, disciplina obrigatória no ensino primário na década de 30. Os alunos assim lembram da professora: “Professora assídua, fiel no cumprimento de seus deveres, exigente, enérgica (Enérgica! A régua estava aqui ao lado, batia na mesa). Suas aulas de Instrução Moral e cívica, matéria obrigatória no primário da década de 30, fazia despertar sem seus alunos o cultivo à integridade moral e o amor à Pátria”. Depoimento de uma ex-aluna.

<sup>3</sup> Passos, Elizete Silva. *A educação das Virgens*, Salvador, 1995.

<sup>4</sup> Ela fazia parte da Rede Estadual de Ensino, trabalhando no Colégio José Marcelino.

<sup>5</sup> Vale lembrar que no período da criação da Escola Normal a cidade de Nazaré possuía um internato masculino, no Colégio Clemente Caldas, que funcionava também como externato misto.

<sup>6</sup> “Naquela época ainda tinha aquela avaliação parcial e ela participava da avaliação, ela sempre participava. Era sempre o professor, uma banca examinadora era chamada, um inspetor, ela e a secretária dona Raquel. E justamente as provas eram com muito rigor. As provas eram distribuídas e fiscalizadas com muito rigor e no final do ano, a última, a avaliação final, era uma prova oral e ela junto, ali, rente.

E todo mundo tremendo (risos), porque dali ela já sabia a situação do aluno. Mas ali sorteava o ponto para a prova oral, como também sorteava para a prova escrita, o ponto era sorteado na hora, as questões elaboradas na hora, era uma coisa muito apurada” (relato de uma ex-aluna, feito em entrevista do dia 10 de outubro de 1998).

<sup>7</sup> Apesar de seguir o modelo de educação hegemônico, a educadora tinha autonomia em alguns aspectos mesmo enfrentando a tradição. Exemplo disso foi a atitude tomada logo que assumiu a direção da Escola Estadual José Marcelino de Souza, proibindo a punição física aplicada pelas escolas aos alunos. Como registro do jornal *A Tarde*, ela assim se referiu ao assunto: “ eu tenho meus próprios métodos. De hoje em diante ninguém toma bolo aqui e nem menino fica de joelho” (27.11.89).

<sup>8</sup> Depoimentos apontam que ela sonhava em criar uma faculdade na cidade de Nazaré. Na época, havia um curso no colégio Clemente Caldas, com cinco anos de duração, que formava o Bacharel em Ciência e Letras.

<sup>9</sup> Além de outros motivos, o fato de ter como seu corpo docente os profissionais liberais da cidade fazia com que a Escola Normal se transformasse no principal núcleo da sociedade.

<sup>10</sup> A formação moral será analisada em separado, pois consiste em um dos eixos deste estudo.

<sup>11</sup> A notícia sobre a possibilidade de fechar a Escola Normal de Nazaré foi anunciada pelos meios de comunicação local e da Capital, que viam nisso uma temeridade pelo valor da instituição para a região, na formação de professores para as cidades da região, bem como pela sua qualidade reconhecida. O jornal *O Estado da Bahia*, no dia 14 de fevereiro do ano de 1941, trouxe uma matéria com as seguintes informações: “[...] a cidade inteira se movimentava em apelo ao senhor Secretário e não podia deixar de ser assim, até porque relevantes são os serviços prestados pelo Educandário de Nazaré, não só a esta cidade, como a todo o interior. Fundado em 15 de março...

<sup>12</sup> A estrada de ferro foi fundada pelo médico Alexandre José de Barros Bittencourt no século XIX, depois foi encampada pela Leste e foi sendo extinta paulatinamente até o encerramento total de suas atividades no ano de 1972. Por ela vinham as alunas no início do ano letivo, viajavam para suas casas nas férias, transitavam familiares, correspondências e encomendas. A importância da estrada para o Colégio pode ser extraída dessa citação: “[...] tinha a estrada de ferro em que o trem parava em Nazaré. Então, quando o trem chegava 5 horas da tarde,

you were via muito os pais e os familiares entrando, ou para acertar contas ou para ver as filhas. Tirava , passeava e chegava no outro dia[...]" (Depoimento de uma ex-interna). Outra depoente registrou que a estrada encurtava as distancias entre elas e as famlias, situaao que aliada ao bom conceito do Colgio fazia com que ele se apresentasse como uma excelente opao: "[...] era um lugar mais perto, onde havia um internato de confiana, que a gente sabia que havia assim um cuidado especial [...]".

<sup>13</sup> Conforme previu a matria em anlise, o arquivo no foi encontrado, alguns documentos foram localizados no Arquivo Municipal e outros na Secretaria de Educao.

## Reconhecimento profissional e social

*A educadora Guiomar Pereira ficou conhecida em todo estado por sua competência e dedicação na área educacional. Mas se a professora fez nome, a mulher não ficou atrás e ainda hoje ex-alunos e pessoas que conviveram com ela lembram cheios de admiração estórias e detalhes de sua vida particular.*

Jornal Tribuna da Bahia,  
29.07.1995

O reconhecimento conferido à educadora Guiomar Pereira não custou a chegar. Numa conjugação de traços de personalidade, formação moral e ação pedagógica e social, desde a década de 40 a sociedade em geral e o meio educacional em específico já explicitavam o reconhecimento pelo seu valor e a importância da sua obra e do seu trabalho para a comunidade local e os municípios circunvizinhos. Como registrou uma entrevistada que com ela conviveu por muitos anos:

[...] fazia-se respeitada por seu modo de ser e de viver, suas atitudes. Era querida e admirada pela sua dedicação aos pobres e sua maneira de orientar os jovens; destacada pelo valor que sempre deu à educação, ao ensino, e pela maneira abnegada como exercia sua profissão. Como delegada escolar, mostrou capacidade, organização, justiça e eficiência.

O valor conferido a ela no campo da educação seguiu uma escala de reconhecimento crescente, como relembra um professor da época:

[...] A Professora Guiomar foi um marco na educação. Antes da professora Guiomar, tinha o Ginásio Clemente Caldas, fundado inicialmente por Isaías Alves e depois Anísio. Era o Colégio Clemente Caldas, e Anísio adquiriu e passou a ser o Ginásio Clemente Caldas. E Anísio Melhor, o educador, também foi o pioneiro aqui. (LAMARTINE, *A Porta do Sertão*, p. 226)

O mérito da educadora pode ser conferido pelo pioneirismo na educação feminina, em um momento onde o “destino” das mulheres estava inscrito no seu corpo, no seu sexo, e ele não incluía sua participação no espaço público, no trabalho produtivo, motivo suficiente para negar-lhe o acesso ao estudo<sup>1</sup>. Agregadas a isso estavam seu altruísmo, que facultava o ingresso mesmo de quem não tivesse condições de pagar, independente de raça, gênero ou credo religioso<sup>2</sup>, a qualidade do seu trabalho e a confiança que a instituição possuía. Mesmo o seu reconhecimento sendo consequência desse amálgama de condições e qualidades, as de ordem moral sobressaíam. A sociedade de Nazaré, até meados do século XX, reconhecia como principal virtude da educadora sua abnegação, desprendimento e vontade de servir.

A Escola Normal se fundia com a educadora e essa com aquela, a tal ponto que a escola era oficialmente Educandário de Nazaré e conhecidamente “Escola de Dona Guiomar”, ou “Internato de Dona Guiomar”. Ela emprestava o seu nome e seu valor técnico e moral à obra, decerto, mais moral do que técnico, considerando-se o que se espera de uma escola de mulheres naquele momento era que ela exercesse o papel de centro de formação de mulheres “puras”, obedientes, dedicadas ao outro e esteio moral da família.<sup>3</sup>

Não queremos com isso sombrear a sua competência técnica, nem da equipe que a acompanhava, reiteradamente enaltecida pelas mais diferentes fontes e opiniões. A *Revista Bahia Chic* foi um desses veículos de divulgação e testemunha ocular do que a instituição representava. Em matéria publicada no número de dezembro do ano de 1949, registrou que a Escola funcionava de forma tecnicamente “perfeita”, contava com um número de discentes dos mais significativos, 189, e fez o seguinte julgamento de valor:

esse fato credencia sua distintíssima e brilhante diretora a gratidão e aplausos que tem merecido a Prof<sup>a</sup> Guiomar Pereira e o corpo docente do benquisto estabelecimento em apreço da imprensa e dos criteriosos pais dos alunos que são confiados aos cuidados e ao saber de tão dignos cooperadores do valoroso Ginásio do Educandário de Nazaré [...]

Mais uma vez, a educadora se funde com a instituição e vice-versa. O valor da escola é conferido a ela e, por sua vez, é ela, com sua filosofia de vida, seus valores morais e sua ação pedagógica que faz a instituição. Articulação lógica se considerarmos que as instituições não são entes abstratos, mas formadas por seres humanos que lhes dão vida e corporeidade, todavia, também é sabido que uma instituição se faz com pessoas, das mais diferentes formações, hierarquias e papéis. Na experiência da Escola Normal de Nazaré, elas são subsumidas na figura da sua liderança; ela basta, ela os representa, incorporando tanto o ente formal quanto seus protagonistas.

Ultrapassando os limites do simbólico, a instituição personificada é meritória por colocar no mercado, mais apropriadamente na sociedade, nas famílias, na vida das pessoas, novas

e importantes possibilidades, através da formação de educadores. A referida revista também coloca essa questão em destaque: “o ginásio Educandário de Nazaré diplomou doze turmas de alunos-mestres, atingindo a cifra de 159 educadores que ali concluíram o seu curso. Desses 159 professores, acham-se hoje a serviço do magistério primário, cento e seis, e os 53 restantes exercem cargos no funcionalismo público: federal, estadual e municipal”.

Essa era uma questão crucial para a educadora, enfrentada não só pelo seu empenho na formação de futuras professoras como também pelo empenho em providenciar a colocação dessas mulheres em salas de aula. Com esse objetivo, ela chegava a acompanhar suas ex-alunas à capital do estado, Salvador, em momentos de concursos públicos para o cargo de professora. Sua atitude é interpretada, hoje, por essas beneficiárias, como muito importante, pois a presença e o apoio da mestra lhes dava segurança, proteção e até distinção, afinal, Guiomar era conhecida e respeitada no meio educacional.

Esses são dados do mais alto valor para a época, considerando a carência de educadores, especialmente em cidades do interior; agravadas pelas péssimas condições de comunicação, tidas e reconhecidas à época como “sérias barreiras ao desenvolvimento” (LEAL, p. 106). A escola figurava como o celeiro de onde saíam para as várias cidades do Recôncavo pessoas que ao voltarem para suas cidades com o término do Curso tornavam-se responsáveis pela educação em sua localidade, na sua grande maioria, municípios “desprovidos de assistência pedagógica”, conforme palavras do autor acima.

A importância da obra e do papel da educadora para a cidade e para a região é atestada na transcendência do educacional para o social. A Escola Normal funcionava como centro agregador dos municípios vizinhos não só por possuir em seus quadros jovens internas daquelas localidades, mas por manter com seus pais relação afetuosa e de gratidão e respeito, como também por envolver os municípios em suas atividades culturais e cívicas, inclusive promovendo visitas de lazer e de conhecimento a muitos deles. Um dos relatos de suas ex-alunas serve para ilustrar:

na terceira série de ginásio, que hoje equivale à sétima série, o professor de Português idealizou um debate literário e esse debate deveria ser interno. De repente, ele se empolgou e resolveu que ele seria público e na sede da Prefeitura. A terceira série deveria discutir sobre Olavo Bilac e Castro Alves, então a classe foi dividida em grupos, o professor levou ao conhecimento de dona Guiomar e ela vibrou. Então foi um corre-corre, ornamentação, isso e aquilo e [...] houve uma divulgação muito grande porque o trem passava naquela época por aqui (Nazaré). E o colégio, como eu disse a vocês, tinha alunos de toda essa região, então foi mandado o convite [...]. Foi uma coisa muito boa, muito badalada na cidade e na região e dias depois ela nos ofereceu um baile e daí eu dizer que ela gostava muito dessa divulgação e de ver crescer a cultura dentro de seus alunos, da sua clientela e da sua comunidade.

A receptividade das populações dos municípios a que prestava serviços era irrestrita, pois a presença do estabelecimento em qualquer atividade cívica, cultural ou religiosa significava êxito, prestígio e qualidade. Situação que era revertida em diferentes formas de apoio e agradecimento: os meios de comunicação divulgavam seus eventos e exortava a sociedade

a participar, os comerciantes orgulhavam-se em patrocinar seus eventos, as famílias não mediam esforços para prestarem seus favores à instituição.

A memória coletiva e individual não lhe atribui uma inteligência fenomenal, até porque ela fazia questão de não se expor, a não ser em momentos especiais, como por exemplo, de colação de grau de suas alunas, quando o ritual exigia da dirigente um discurso formal. O maior mérito que lhe conferem é a dedicação, tenacidade, rigor moral e respeito pelo outro.

O respeito é apontado nas mais diferentes situações e áreas, valendo destaque a forma como tratava das pessoas, inclusive seus alunos e alunas, que professassem os mais variados cultos e religiões. Mesmo sendo católica fervorosa, não impunha a ninguém que a seguisse e convivia pacificamente com as pessoas seguidoras de outras expressões religiosas. Essa atitude pode ser analisada como normal para os nossos dias, porém não o era para o período em que estamos analisando. Era comum nas escolas religiosas a exigência por parte da direção que suas discentes e docentes fossem da religião católica para serem aceitas.<sup>4</sup>

O carinho, o reconhecimento e a distinção que a sociedade conferia à educadora podem ser inferidos de ações como os festejos com que cercavam, ano após ano, seu aniversário de nascimento. Os jornais locais continuamente registravam a data, que era marcada por missas festivas, atividades promovidas pela alunas da escola e até mesmo bailes, promovidos pelas alunas, professores e sociedade.<sup>5</sup>

No ano de 1952, a Câmara de Vereadores da cidade de Nazaré concedeu à educadora Guiomar Pereira o título de Cidadã

Nazarena, o primeiro outorgado, ato de grande significado, tratando-se de uma sociedade patriarcal. Somente uma mulher acima de qualquer suspeita e grande benemérita teria a honra de tamanha homenagem<sup>6</sup>.

## Homenagens póstumas

O reconhecimento ao seu valor e da sua obra continuou sendo demonstrado através de ações públicas após a sua morte. No ano de 1957, por ocasião de sua morte, a cidade de Nazaré suspendeu todas as suas atividades: fecharam-se bancos, comércio, instituições públicas, em sinal de pesar e como forma de homenageá-la.

No ano de 1958, na data do primeiro ano do seu falecimento, a cidade de Nazaré promoveu várias homenagens à educadora, registradas em vários jornais, dentre eles o *Jornal da Bahia*, no dia 15.11:

[...] à noite, a Câmara de Vereadores transformou sua reunião ordinária em sessão especial de homenagem à Professora Guiomar Muniz Pereira. Apresentando as homenagens no legislativo nazareno, falaram os vereadores Adalberto dos Santos Neves e Antonio de Souza Menezes.

A Prefeitura Municipal da cidade de Nazaré acrescentou à sua galeria de honra o retrato da educadora; dez anos depois, deu o seu nome a uma das ruas da cidade.

A projeção de uma mulher, especialmente nas primeiras décadas do século XX, é analisada pelos depoentes e pessoas que refletiram sobre o trabalho de Guiomar Pereira como “muito normal” e sem nenhum tipo de restrição. Ao tomarmos como

centro dessa pesquisa educadoras socialmente destacadas, fazia parte das nossas interrogações conhecer os caminhos que elas haviam seguido para chegarem a essa situação, as barganhas feitas, as “moedas” utilizadas, isso porque conhecemos o conservadorismo da sociedade brasileira, especialmente a baiana no que se refere às relações de gênero. Com a educadora, vimos que ela contou com o apoio do marido, de técnicos da educação, da comunidade, enfim, seu sucesso não a fez desviar-se da condição feminina culturalmente construída e aceita.

Os depoentes falam que a sociedade precisava do seu trabalho, ansiava por alguém que pudesse investir na educação, considerada naquele momento o caminho mais adequado para edificar um país forte, independente e patriótico. Além disso, como registramos em outros momentos, seu destaque não ameaçava as normas socialmente estabelecidas para os sexos, ao contrário, reforçava o modelo de mulher aceito: dedicada ao outro, vivendo para servir, veículo de divulgação da ideologia dominante e guardiã da moral e dos considerados bons costumes.

Esse perfil foi o responsável pelo destaque que ela teve ao longo dos tempos, como demonstram as homenagens a que foi alvo, no ano de 1995, seu centenário de nascimento. Mais uma vez a cidade de Nazaré parou para prestigiar aquela que foi sua mais ilustre personagem, mesmo tendo transcorrido quase meio século do seu falecimento. As escolas de ensino fundamental fizeram atividades comemorativas, visando apresentar às novas gerações a grande educadora, os órgãos oficiais e a Prefeitura da cidade promoveram palestras, missas festivas,

almoço de confraternização, a Câmara de Vereadores fez sessão solene em homenagem à educadora.

Da capital baiana saíram caravanas de ex-alunas e até mesmo o padre, por ser considerado como um dos maiores oradores da Igreja Católica. Em sua homilia, a homenageada foi destacada com o título de “Sacerdotisa da Educação e do Amor”. Sua opinião ecoava em quantos participavam da solenidade, reforçando a justeza da homenagem, pois atitude diferente seria sinal de ingratidão a quem se dedicou irrestritamente pela causa da educação, de uma situação mais humana para as pessoas e uma sociedade mais justa e autônoma.

Das ex-alunas surgiram outras formas de perpetuação da memória da mestra, dentre elas, a criação do Centro de Educação Guiomar Pereira, situado no bairro do Rio Vermelho, na cidade de Salvador<sup>7</sup>.

Também fazendo parte das comemorações do seu centenário de nascimento, seu ex-aluno e ex-vereador da cidade de Nazaré responsável pela concessão do título de “cidadã Nazarena” concedido a ela na década de 50, voltou a reafirmar os méritos da grande educadora.

[...] retroceder, no tempo e no espaço, traçando o perfil e a trajetória da saudosa mestra, não é mais necessário, creio eu, porque já o fizeram os ilustres oradores dessa solenidade, todos uníssonos em proclamar os méritos e as virtudes da minha diletta madrinha de formatura, em 1956, última turma que viria diplomada em Magistério no seu querido e tradicional Educandário de Nazaré, vez que, no ano seguinte, entregaria sua alma ao Criador, abrindo uma grande lacuna na comunidade Nazarena, especialmente no setor educacional de toda a região do nosso interior (BEN-WILSON B. DE SOUZA, *Centenário*, 28.06.1995).

À guisa de conclusão, tomaremos de empréstimo o perfil da educadora construído por uma ex-aluna, utilizando-se de uma analogia com as operações matemáticas. Diz ela:

Com o passar dos anos, raciocinando sem querer questionar, encontrei relação entre as quatro operações e a nossa existência. Aprendi que somar representava o acúmulo de feitos saudáveis, vontade de viver, ser amigo e ter amigos, disponibilidade de coração. A subtração representava o afastamento da malquerência interior, da agressividade que se possa sentir possuído: o pessimismo, a inveja, a arrogância, a vaidade. A multiplicação representava o bem querer, a boa vontade, a compreensão, a caridade. Dividir representava a fé, o conhecimento, o saber. Razão porque nossa Mestre exigia tanto. Era para que no futuro, ao enfrentarmos dificuldades e surpresas da vida, decifrando o enigma das 4 operações, pudéssemos alcançar a meta desejada, por conseguinte sairmos vitoriosos.

## Notas

<sup>1</sup> A situação da mulher naquele momento e sua educação podem ser inferidas do relato de um educador do município de Nazaré, que conviveu algum tempo no mesmo ambiente educacional da educadora Guiomar Pereira: “[...] as mulheres, naquela época, eram muito custodiadas pelos pais; tinham aquele cuidado, elas não tinham aquela iniciativa própria de se desenvolver, de fazer, de sair, então elas vinham sob a custódia dos pais. Elas eram entregues na Escola Normal e dona Guiomar era responsável pela educação dessas moças até se formarem. [...] um pai, naquela época, nunca consentia que uma filha saísse de dentro dos cuidados da casa para ir estudar aqui ou ali. Então, como tinham a confiança, o respeito, o nome que ela impunha, eles traziam para cá”.

<sup>2</sup> São inúmeros os registros feitos por jornais da época e os depoimentos de pessoas, inclusive beneficiadas, que confirmam a atitude da educadora em acolher em seu estabelecimento de ensino particular discentes que não podiam pagar, assim como de não possuir preconceito, nem mesmo de ordem religiosa, tão comum à

época. Dentre eles, um veiculado pelo jornal O Alvitre, no dia 15 de maio do ano de 1956: “[...] conhecemos várias professoras católicas, verdadeiramente católicas que, com a mesma dedicação e amor com que ensinam aos filhos dos católicos, o fazem com os espíritas, adventistas e batistas. Citemos aqui aquela que fora a sua mestra, a prof. Guiomar Muniz Pereira, que jamais expulsara do seu conceituado estabelecimento de ensino um só aluno pelo fato de pertencer a religião diferente da que ela professa. Ademais, tem tirado da lama, de meio sórdido algumas crianças, fazendo-as nascer socialmente para ambiente sadio, dando-lhes um pergaminho, abrindo-lhes o caminho à vida, à felicidade. Ações como estas, professora do bairro da Ladeira Grande, é que dignificam uma pessoa, engrandecem uma vida, dão beleza a uma alma. Não há ornamento mais sublime para o ser humano do que a virtude.”

<sup>3</sup> O assunto foi fartamente discutido em várias obras da autora, dentre elas: Passos, Elizete. Mulheres moralmente fortes, 1993; A Educação das virgens, 1995; De anjos a mulheres, 1996, Palcos e platéias, 1999.

<sup>4</sup> Para maiores informações, consultar os livros Mulheres moralmente fortes, 1993, e A Educação das virgens, 1995, de autoria de Elizete Passos.

<sup>5</sup> “a ilustre preceptora Prof. Guiomar Muniz Pereira, diretora da Escola Normal dessa cidade, pela passagem do seu aniversário natalício, foi alvo de expressiva manifestação dos seus auxiliares de magistério e alunas, no dia 28 do mês passado. Às nove horas, na Matriz da cidade, foi celebrada uma missa solene, com assistência de Autoridades, Professorado, Colegiais e representantes das associações locais, entoando a orquestra uma Ave Maria. À noite, as Professorandas de 1942 levaram a efeito, com o concurso da sociedade nazarena, um baile, que se prolongou até às primeiras horas da madrugada”. (Jornal O Grito, 10.07.1942)

<sup>6</sup> “[...] ela era assim quase endeusada, respeitada, e na época era como se fosse a melhor professora da cidade. Podia até não ser, mas era assim considerada. Todo mundo queria ser aluno dela [...] não era só pelo cabedal de conhecimento que possuía, mas a energia contudente[...] respeitavam demais a pessoa dela. Ela tinha importância, autoridade e energia. E isso vale muito! Como também uma pessoa muito simples assim pode[...] mas isso era importante”. (Depoimento de uma ex-aluna concedido em entrevista do dia 26 de maio de 2000)

<sup>7</sup> Em anos anteriores, as alunas já demonstravam sua gratidão e reconhecimento à mestra. Por exemplo, no ano de 1953, o Jardim de Infância do educandário de Nazaré recebeu o seu nome, também a 4ª série Ginásial deu o nome da educadora ao novo pavilhão da escola.



## Referências

---

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. *Masculino/feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ARROYO, M. G. Operários e educadores se identificam: que rumos tomar a educação brasileira? *In: Educação e Sociedade*. São Paulo, Cortez, n.5, p. 5-23, jan./1980.
- ARAÚJO, Itana Santos. *Símbolo de defesa da mulher cristã*. Salvador: Tipografia São Judas Tadeu, 1961.
- BARROS, Lícia Margarida Senna Borges. Relembrando Amélia. *In: Universitas, UFBA*, jan/março de 1987.
- BRUSCHINI, M. C. *Mulher e trabalho: engenheiras, enfermeiras e professoras*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Getúlio Vargas (FGV), n.27, p.5-19, dez./1978.
- CHAUI, Marilena. Ideologia e educação. *Educação e Sociedade*, São Paulo: Cortez, n.5, p. 24-40, Cortez, jan./1980.
- CHAGAS, V. *Formação do Magistério*. São Paulo: Atlas, 1976.
- CUNHA, Maria Isabel da. *O bom professor e sua prática*. São Paulo: Papirus.
- CURY, Carlos, R. Jamil. *Ideologia e educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 1986.
- DAMÁSIO, Jessé. Gabriela Mistral Brasileira. *In: A Tarde*, 1957. Fernández, Alicia. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HORTA, Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia. A educação no Brasil 1930/1945*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- HYPOLITO, Álvaro L. M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. São Paulo: Papirus, s/d.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LEWIN, H. Educação e força de trabalho feminino no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Cortez, n.32, p. 45-59, fev./1980.

- MPRAIS, Regis de. *História e pensamento na educação brasileira*. São Paulo: Papirus, sd.
- NÓVOA, Antonio (org.). *Vidas de professor*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Editora LTDA, 1995.
- NÓVOA, Antonio. Para o estudo sócio-histórico da gênese do desenvolvimento da profissão docente. *In: Revista Teoria e Educação*, n. 4, 1991.
- NOVAIS, Eliana Maria. *Professora primária – mestra ou tia*. São Paulo: Cortez, 1992.
- PASSOS, Elizete. *O feminismo de Henriqueta Martins Catharino*. Salvador, IFB, 1992.
- PASSOS, Elizete. *Mulheres moralmente fortes*. Salvador, IFB, 1993.
- PASSOS, Elizete. *A educação das virgens*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Santa Úrsula, 1995.
- PASSOS, Elizete. *Palcos e platéias*. Salvador, NEIM, 1999.
- PIMENTEL, Maria da Glória B. *O Professor em construção*. Campinas: Papirus, 1994.
- RICH, John Martin. *Bases humanistas da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. *In: Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.

## Documentos e obras específicas

- LEAL, Abinael. *Guia Histórico de Nazaré*. Informações Turísticas-Culturais, s/d.
- MUNIZ, Jaime Duarte. *Como nasceu o estabelecimento de Guiomar Muniz Pereira*. [s.l]. 2p. Manuscrito.
- PASSOS, Elizete Silva. *Palcos e platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia*. Salvador: EDUFBA, 1999.
- REVISTA *Bahia Chic*, dezembro de 1949.
- REVISTA *Bahia Chic*, setembro de 1956.
- JORNAL *O Grito*. Nazaré, 04.07.1937.
- JORNAL *O Grito*. Nazaré, 25.07.1937.
- JORNAL *O Grito*. Nazaré, 07.11.1937.

JORNAL *O Grito*. Nazaré, 10.04.1938.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 24.04.1938.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 29.05.1938.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 31.07.1938.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 10.07. 1942.  
JORNAL *O Grito*.Nazaré, 14.03.1948.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 16.08. 1952.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 22.06.1952.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 28.05.54.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 26.06.1956.  
JORNAL *O Grito*. Nazaré, 24.12.1956.  
JORNAL *O Alvitre*. Nazaré, 05.07.1954.  
JORNAL *O Alvitre*. Nazaré, 22.08.1954.  
JORNAL *O Alvitre*. Nazaré, 13.06.1956.  
JORNAL *O Alvitre*. Nazaré, 13.05.1956.  
JORNAL *O Alvitre*. Nazaré, 30.11.1957.  
JORNAL *O Alvitre*. Nazaré, 30.03.1972.  
JORNAL *O Conservador*: Nazaré, 1920.  
JORNAL *O Conservador*. Nazaré, 11. 12.1927.  
JORNAL *O Conservador*. Nazaré, 17.03.1929.  
JORNAL *O Conservador*. Nazaré, 19.01.1930.  
JORNAL *O Conservador*. Nazaré, 30.03.1930.  
JORNAL *O Conservador*. Nazaré. 05.05.1930.  
JORNAL *O Conservador*. Nazaré, 24.08.1930.  
JORNAL *O Conservador*. Nazaré, 07.09.1930.  
JORNAL *O Conservador*. Nazaré, 05.10.1930.  
JORNAL *O Conservador*. 09.11.1930.  
JORNAL *O Conservador*. 16.11.1930.

JORNAL O *Conservador*. 30.01.1932.

JORNAL O *Conservador*. 06.11.1932.

JORNAL O *Conservador*. 21.05.1933.

JORNAL O *Conservador*. 27.08.1933.

JORNAL O *Conservador*. 24.12.1933.

JORNAL O *Conservador*. 11.03.1934.

JORNAL O *Conservador*. 01.04.1934.

JORNAL O *Conservador*. 16.04.1934.

JORNAL O *Conservador*. 24.02.1935.

PONDÉ, Consuelo. Sacerdotisa da educação e do amor. In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico*. Salvador, 1995.



Este livro foi publicado no formato 140x170 mm  
Miolo em papel 75 g/m<sup>2</sup>  
Impressão de capa e acabamento:  
ESB Serviços Gráficos

## Dados sobre a autora

---

**Elizete Passos** é Professora Universitária, pesquisadora e escritora. Licenciada em Filosofia, Mestre e Doutora em Educação, há muitos anos vem pesquisando sobre a educação feminina na Bahia e orientando teses e dissertações sobre o assunto. Acerca da temática tem vários livros e artigos, destacando-se os seguintes livros: *O Feminismo de Henriqueta Martins Catharino*, *Mulheres Moralmente Fortes*, *De Anjos a Mulheres*, *A Educação das Virgens e Palcos e Platéias*.

